

Voz de S. Antonio



Revista mensal
illustrada

Abençoada por S. S. Leão
XIII. Pelo Exc.^{mo} Ordinarario
varios Prelados.

MARÇO DE 1905

6.^a Serie — 11.^o Anno

N.^o 3

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

Provisão. — Luz da Luz!

I PARTE — **Secção doutrnal:** Musica religiosa. — Breves, indulgencias, dispensa das Sagradas Congregações de Roma. — Pensamentos.

II PARTE — **Secção Historica:** Verdadeiro character de S. Francisco d'Assis. — O dogma da Immaculada Conceição na historia Franciscana. — Excavações.

III PARTE — **Leituras amenas:** O Rei Valdemar (Lenda). — Vida e costumes d'alguns insectos. — Anecdotas.

IV PARTE — **Culto de S. Antonio:** O Pão de S. Antonio em Braga, Guimarães, Barcellos, etc.

V PARTE — **Secção Scientifico-litteraria:** O Liberalismo. — As nossas illustrações.

VI PARTE — **Chronica Universal:** Roma. — Portugal, etc.

Gravuras: Mgr. Conego Antonio Maria Ferreira. — Monumento commemorativo da Immaculada Conceição em Lisboa (Projecto). — Procissão da Immaculada na Beira (Africa). — Grupos de Anjos.

BIBLIOGRAPHIA

Um collar de perollas — «Os poetas portuguezes cantando a Virgem» — Coordenação e prefacio de Zuzuarte de Mendonça.

Entre as muitas lembranças litterarias que se publicaram no anno jubilar da Immaculada Conceição esta é a de mais valor, por ser uma selecta poetica mariana; mais ainda por resumir a historia da poesia nacional em relação á Virgem.

Aquellas perolas litterarias desenterradas nos campos da historia dos novos genios comprovam que Maria, Immaculada Mãe de Jesus, foi cantada pelos cysnes da nossa poesia nacional desde Gil Vicente.

Pedidos ao autor para a Redacção da «Nação» ou da Democracia — Lisboa.

Preço 200 réis. 10 exemplares 1\$900 réis.

Regina Sine Labe — *Homenagem das Filhas de Maria.*

E' um tomozinho tentador, esta lembrança do anno jubilar da Immaculada Conceição. Tentador pela parte material, um esmero de luxo e perfeição; tentador pelas sentidas endeixas femininas cantadas alli pelos corações femininos das Filhas de Maria desta cidade de Braga. Lê-lo é conhecer a historia intima de muitas almas fascinadas de amor pela Mãe de Jesus. E quantas não desejariam escrever uma pagina do seu espirito, do seu amor por Maria e não poderam?!

E' tentador este tomozinho. Bem hajam as Filhas de Maria.

Recebemos da Livraria Catholica Portuense — 39, Rua da Picaria 41, Porto — as obras seguintes que muito agradecemos:

Apologia do Sacerdocio — pelo Padre Francisco Antonio da Silva Vigario e Mattos.

A importancia e a actualidade do assumpto, o modo como foi desenvolvido pelo autor, em dezembro do anno findo, na festa da missa nova do Rev. Padre José Maria da Fonseca e Pinho, a eloquencia com que o disse, obrigaram o clero que teve a honra e felicidade de o ouvir a exigirem do autor a sua publicação.

Preço 120 réis.

Manual da Archiconfraria da Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus. — Traduzido pelo Padre J. N. Oliveira e Souza.

E' um elegante devocionario de 450 paginas todo apropriado aos associados para que foi composto. As muitas e bellas estampas apropriadas ao assumpto do livro tornam-no um santamente distractivo.

A necessidade da Confissão. — para a felicidade deste e do outro mundo — pelo Padre José de Souza Amado. — Segunda edição.

E' um folhetinho de 30 paginas versando o assumpto annunciado pelo titulo, com a proficiencia que todos podem suppor pelo nome do seu bem conhecido autor.

Terço e Visitas ao Santissimo Sacramento. — *Obsequios ao Coração de Jesus* — Segunda edição.

Novena do Salutar Patrocinio do Esposo de Maria Purissima e glorioso Patriarcha S. Jose — Segunda edição.

São dois folhetinhos de 30 paginas de texto cheio de unção e piedade.

Almanach Illustrado das Familias Brasileiras — Para o anno de 1905. Nicteroy — Escola Typographica Salesiana.

Profusamente e bellamente illustrado, humoristico e litterario, este almanach brasileiro é um dos melhores que se conhecem no mercado da imprensa. A sua impressão honra e muito a «Escola Typographica Salesiana», fundada e dirigida pelos Revs. Padres Salesianos tão activos na imprensa e na diffusão das boas e moralisadoras doutrinas como na educação; dous ramos de actividade religiosa em que teem sabido, apesar de tão recentes na Igreja, pôr-se a par das congregações mais velhas, se não passar adeante a muitas.

Padre Antonio Joaquim Pereira — *Pequeno Almanach de Nossa Senhora dos Anjos.* 2.º anno — 1905.

E' o almanach das pessoas piedosas: do jejum e abstinencia, coordenado para os diocesanos do bispado do Porto. Com este almanach na mão as pessoas desta diocese não terão duvidas sobre o baralhado assumpto do jejum e abstinencia.

Preço 80 réis.

11.º anno — N.º 3

6.ª SERIE

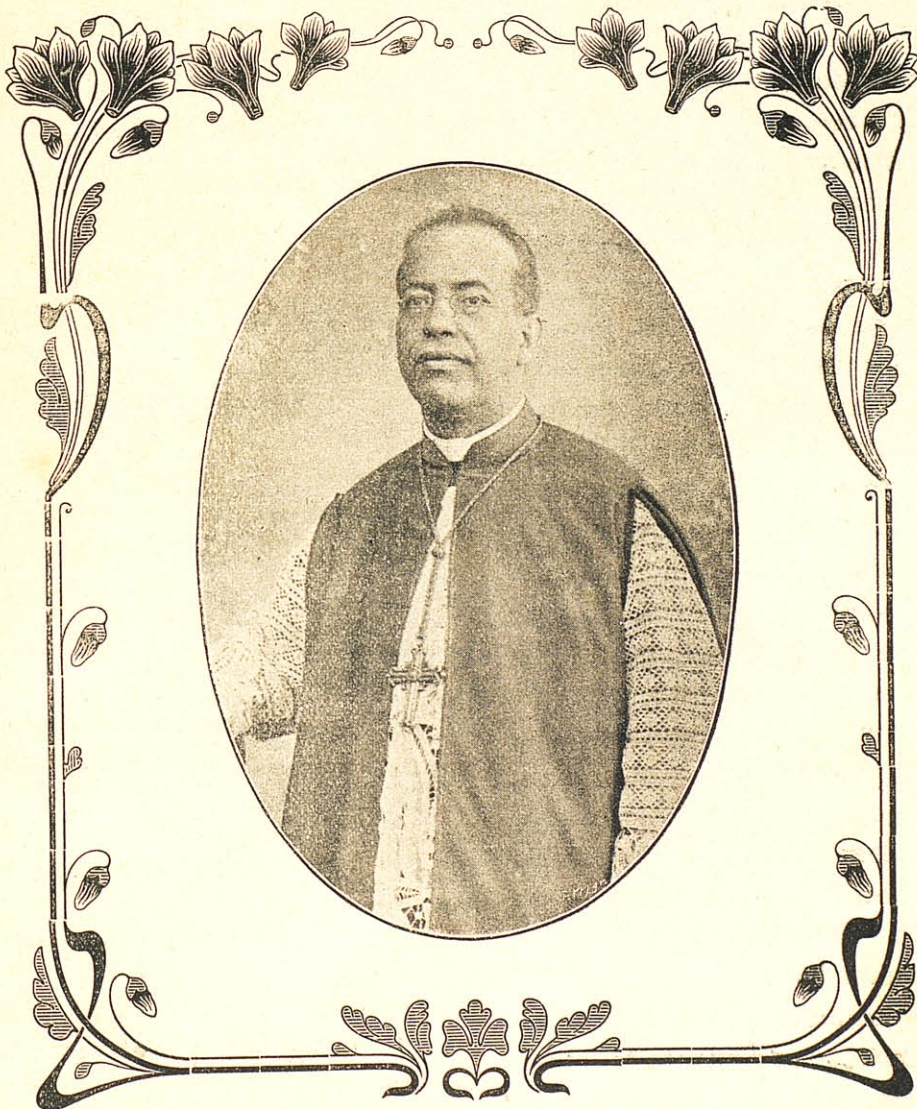
Março — 1905

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.



MGR. CONEGO ANTONIO MARIA FERREIRA

PROVISÃO

Monsenhôr Antonio Maria Ferreira,
Protonotario Apostolico *ad instar*, Co-
nego da Sé Cathedral d'Angra, Vigario
Capitular do Bispaço, pelo Ill.^{mo} e Rev.^{mo}
Cabido, *Sede episcopali vacante* etc.

*A todas as pessoas que a presente virem,
Saude, Paz e Graça.*

Desejando dar um publico teste-
munho do elevado apreço e grandis-
sima estima em que tenho a «*Voz de
Santo Antonio*», revista mensal illus-
trada, que se publica em Braga, e que
nos seus dez annos de publicação tem
prestado á Egreja e á sociedade ser-
viços relevantissimos, como um dos
mais denodados campeões da impren-
sa catholica no seio da nossa querida
e amada patria, corresponde com pro-
funda illustração, zelo e piedade ao
seu nobilissimo titulo, que reccorda o
nosso glorioso Thaumaturgo, a maior
gloria de Portugal; — Hei por muito
recommendada ao amado clero e fieis
da Diocese d'Angra, está preciosa pu-
blicação, rogando instantemente que
todos a protejam tomando a sua as-
signatura, possuindo por esta forma,
no fim de cada anno, um formoso vo-
lume, repleto de bellissima doutrina
e de conhecimentos muito uteis, para
adquirir os quaes seria preciso ma-
nusear muitos livros.

E á benemerita e illustrada reda-
ção, agradeço tudo quanto tem feito
n'estes dez annos pela santa causa
da Egreja Catholica, nossa Mãe aman-
tissima, invocando sobre estes queri-

dissimos Filhos da Religião as Bê-
ções celestes, para que continuem com
o mesmo fervor e constancia a mane-
jar suas pennas, tão brilhantes, como
fecundas, no apostolado da boa im-
prensa, na certeza de que de Deus nos-
so Senhôr, hão-de receber supera-
bundante recompensa.

Dada no Paço Episcopal d'Angra,
aos 20 de Janeiro de 1905 sob meu
signal e Sello do Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Ca-
bido sede episcopali vacante.

O Vigario Capitular,

Mgr. Conego Antonio Maria Ferreira.



LUZ DA LUZ!

(Diante d'um Crucifixo).



COMO a luz do sol o brilho in-
confundivel das verda-
des catholicas.

Allumia e aquece,
vivifica e anima.

Derrama luz nos espiritos, e amor
nos corações.

Derrete, uma a uma, as cordas
todas da humana sensibilidade, e en-
durece, para inutilisal-as, as pernicio-
sas sementes do peccado.

Recolhe, ao alvorecer d'este dia
da vida humana, os primeiros vagi-
dos da infancia, e tomba suavemente
no catre da agonia os lassos membros
do lasso moribundo.

E n'esta linha curva, descripta
desde o berço ao tumulo, quantas os-
cillações de talento, quantas fulgura-

ções de genio, quantos mysterios de amor, se não desenrolaram á luz da luz catholica ?

Centro de toda a effervescencia dos sêres humanos, ella é tambem a circumferencia em torno da qual gravitaram sempre as grandes almas.

Constantino ou Carlos Magno, Agostinho ou Gregorio, Francisco d'Assis ou Domingos de Gusmão, Luiz de França ou Affonso de Portugal, tantas ondas de luz, golfadas d'aquelle sol.

Quem fez grandes humildes donzellinhas, amestradas nas lides de casa ou batidas na cruz do trabalho ?

Quem levou ao capitolio da celebridade essas heroínas, que se enter-raram vivas nos claustros, para não serem tocadas do halito venenoso do mundo ?

Quem cingiu a aureola da immortalidade ás Judith, ás Débora, ás Abigail ?

Quem poz nos altares Clara d'Assis e Thereza de Jesus, Maria Magdalena e Margarida de Cortona, Rosa de Viterbo e Joanna d'Arc ?

Da Igreja Catholica diz o Psalmista que está á dextra de Deus, com doirado vestido, cheia de variedade : *Astitit regina a dextris tuis in vestitu deaurato, circumdata varietate.*

Mas d'onde lhe vieram as franjas d'ouro de tão rico vestido, d'onde aquelle viçoso matiz, senão da verdade catholica, de que a Igreja é firmamento e columna ?

Nunca sobre essa gigante estatura pairou nuvem negra de desalento que se não desfizesse logo, nunca alli baixaram cerrações de inveja e odios, que não fugissem espavoridas, nunca desceram alli nevadas de indiferença, que se não derretessem e anniquilassem.

Que o diga a espada partida dos Imperadores Romanos, a furia domesticada dos barbaros do norte, a raiva amansada dos povos bretões, o scisma confundido da Grecia e da Turquia, o orgulho esmagado do arianismo e do protestantismo, do liberalismo e da democracia.

Rasgados e abertos como o Infinito, são os horisontes do espirito humano. Mas quem os abriu e rasgou ?

Quem deu azas á intelligencia do sabio, para voar d'um polo ao outro os mundos dos corpos e dos espiritos ?

Quem accendeu nos corações de milhões de crentes a fornalha do amor, que faz do genero humano uma só familia, da terra e do ceu uma só patria ?

Quem desenhou na fecunda imaginação do artista, o riso da poesia que deleita, as côres da pintura que seduz, o calor da eloquencia que arrasta, a gravidade da esculptura que infunde respeito ?

*

Mas nunca a verdade catholica é tão sublime como nos braços da Cruz, em que agonisou !

Pendor de Deus para o homem, ascensão do homem para Deus, ella reveste alli em suas manifestações multiplas os caracteres essenciaes ás duas naturezas divina e humana, e acaba pelas unir em consorcio amigavel.

De Deus parte, como luz de seu fóco ; Do homem emerge como flôr da haste.

De Deus é expansão eterna, do homem sublime aspiração.

Ri, canta, louva e adora. Mas em Deus e no homem a sua mais eloquente característica é o pranto eterno em que se desfaz.

Chora Deus eterno pelo homem,

anceando o tempo — curta idade do homem. Chora o homem mortal por Deus, anhelando a eternidade — de Deus interminavel seculo.

Chora Deus immenso pelo homem, baixando ao espaço — do homem triste reinado. Chora o homem limitado por Deus, aspirando a immensidade — de Deus incommensuravel imperio.

Chora Deus omnipotente pelo homem, estampando-lhe na frente a soberania da criação. Chora o homem fragil por Deus, querendo a soberania do mesmo Deus.

E n'este vaevem de prantos desfeitos entre Deus e o homem, está, com a verdadeira caracteristica da verdade catholica, a economia toda da criação, da Redempção e da Conservação do genero humano.

Não é a criação o primeiro esforço de Deus pelo amor ?

Não é a Redempção o segundo esforço de Deus pela dôr ?

Não é a Conservação do genero humano o terceiro esforço de Deus pelo amor e pela dôr, confundindo em perpetuo cruzamento o ceu e a terra, a eternidade e o tempo, o espirito e a materia ?

Para crear o homem, sacrifica Deus a sua immensidade e omnipotencia ; para o remir, a sua justiça e misericordia ; para o conservar a sua providencia e presciencia.

E não é amar sacrificar-se, e não são as lagrimas o preço do sacrificio ?

Invisiveis na eternidade pelos fulgores da gloria, as lagrimas de Deus fazem-se visiveis no tempo, pelas bagas de suor e pelo sangue que derramou na cruz.

Visiveis no mundo pelos horrores do peccado, as lagrimas do homem confundem-se no ceu com os esplendores

que manam das chagas de Christo.

Umam e outras valem bem a verdade, e são a sua perpetua linguagem.

Na Cruz, Deus é o homem, e o homem é Deus.

Pela fragil retina dos olhos corporaes relampagueiam para o mundo ondas d'amor, e para a eternidade feixes de perpetuas adorações.

D'alli o dogma, primeiro principio da moral.

D'alli a moral, união do homem com Deus.

D'alli a consciencia, esplendor da eterna verdade.

D'alli a vida social, pacto inquebrantavel do Homem-Deus, a vida religiosa — prolongamento da vida escondida de Christo, a vida scientifica — sua manifestação lidima ; a vida poetica — seu eterno cantico.

*

E para cumulo, de sublimidade, ao pé da Cruz está Maria, Mãe de Deus e Mãe do homem que partilha simultaneamente dos sacrificios de Deus e das ancias do homem.

Com Deus preside á obra de criação. Com o homem adora a divindade.

Com Deus abre os arcanos de seu espirito aos anjos. Com o homem curva-se ante celestes mensageiros.

Com Deus expulsa do paraizo perdido Adão e Eva. Com o homem, chora n'este valle de lagrimas.

Com Deus quebra as iras no Oreb e no Synai. Com o homem treme e vacilla n'esta esplanada do mundo.

Com Deus é columna de fogo abrindo caminho. Com o homem é humilde viajero para Terras de Promissão.

Com Deus é manná caindo no de-

serto da vida, com o homem pobre Israelita famelico de paz.

E como não ha belleza de Amor fora do soffrimento, da humildade, do sacrificio e do heroismo — de todas estas virtudes é assombrosa encarnação.

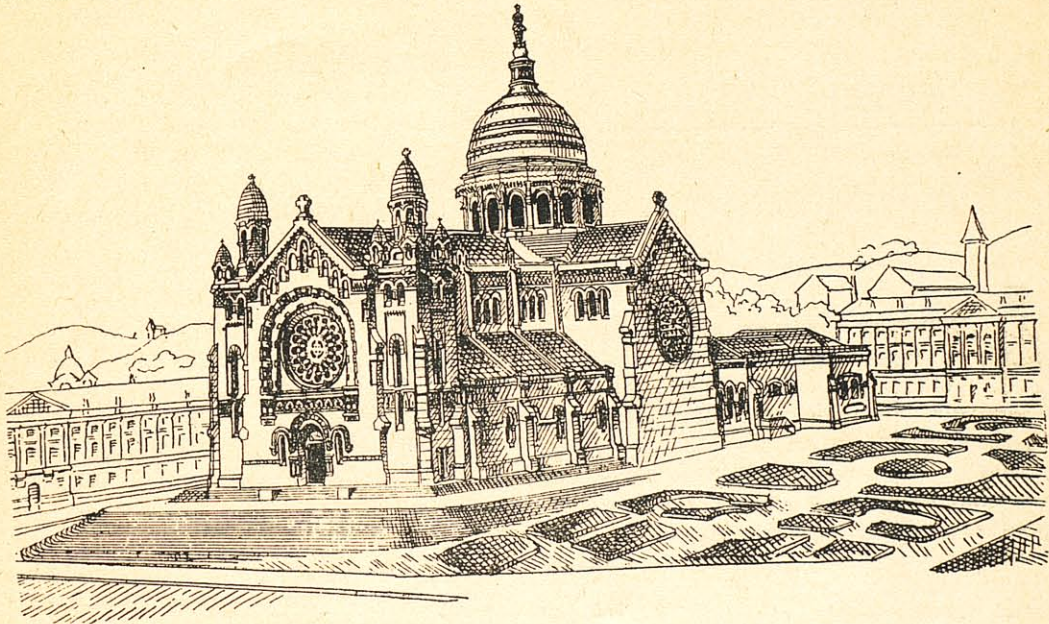
Para ser varada com sete lanças, e pela dôr ser mãe amorosa da casta geração da Egreja, pronuncia o *Fiat Redemptor* que a transforma em forma da substancia de Christo, como

Virgem Mãe de Deus, e Virgem Mãe da Humanidade — tem-se na conta de humilde escrava.

E emquanto os Imperadores Romanos quebram lanças pelos faustos do seculo, Maria ora e trabalha n'uma pobre officina.

Quereis vê-la estatua d'afflicção, heroismo personificado?

E' noite. Sobre os braços cruzados do madeiro infamante está pregado o Redemptor da humanidade.



MONUMENTO COMMEMORATIVO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO (PROJECTO)

Christo é figura da substancia de seu Pae.

E assim como o *Fiat* omnipotente, pronunciado na eternidade pelo Verbo de Deus, povoou de mundos o espaço, que lhe ha-de custar o seu sangue, — o *Fiat Redemptor*, pronunciado pela Virgem, no tempo, vem povoar de soes de nova luz o firmamento da Egreja Catholica, preço de suas dores.

Bella como a lua, cheia como o sol, terrivel como um exercito bem ordenado, soberana rainha do ceu,

Suspensio entre a terra e os ceus, nos seus olhos quebrados reflectem-se os horrores do paganismo agonisante, e luzem os arreboes da christã civilização.

Por baixo, á sombra da Arvore da Cruz, está em S. João, o homem, o sacerdote, e o apostolo — a humanidade toda com as exigencias da natureza e da graça, da familia e da sociedade.

E emquanto ao largo passa a torrente caudalosa da impiedade judaica, para os braços da Cruz veem freneti-

camente o imperio Romano em decadencia e o gentilismo idolatra, a barbarie e o scisma, a sciencia sagrada e profana, as descobertas e as cruzadas, o pontificado, o throno e o altar.

E' então que sobre este *mare magnum* de tantas ondas de gerações, resôa a voz tremula de Christo, virado para a Virgem, arrimada á Cruz: — *Mulier, ecce Filius tuus*. Mulher, tens ahi teus filhos!



Secção doutrinal

Musica religiosa

VI



TERCEIRA e ultima phase da musica religiosa podemos nós muito bem chamar a da musica instrumental, se bem que ella tenha mais principalmente por caracteristica o *solo lirico*.

Foi na Italia ainda, que, ahi pelos fins do seculo dezaseis e começo do dezasete, appareceu esta feliz inovação, com a qual a arte tanto havia de ganhar no dominio da expressão.

Os trechos a solo exigiam evidentemente um instrumento que os acompanhasse, ficando a harmonia.

O orgão predominou é claro. Mas outros instrumentos vieram tambem prestar o seu concurso expontaneo, sobretudo os instrumentos de arco.

E' d'aqui que data o apparecimento do *baixo continuo*.

A todos estes novos elementos de expressão musical estão ligados nomes que a historia celebra com honra: Cavalieri, Viadana, Celini, Wilaert, etc. Com estes elementos tão poderosos, está facilmente a ver-se que novos horisontes se não abriam para a nossa bella arte. Foi com estas conquistas que entramos finalmente neste terceiro periodo da musica religiosa, da musica em geral; porque até esta altura não ha que desligar o profano do religioso.

Depois a separação tinha que fazer-se naturalmente, e fez-se.

A musica encontrando-se emfim capaz de dizer tudo e de exprimir tudo, cavou um profundo abysmo entre o que ella devia ficar na casa de Deus e o que devia vir a ser nas salas de espectáculo.

O mesmo succedeu aliás coin todas as artes. Não é a mesma a arte de Grão Vasco ou de Bordallo Pinheiro, a arte do Murillo da Virgem do Louvre ou do Murillo dos garôtos do Munich.

Não podia ser, nunca foi, nem será. E' preciso não confundir os productos do sentimento justo e sincero dos artistas, com elaborações hybridas de cretinos ignorantes que fabricam para as massas.

E' neste glorioso periodo de integração final que a musica, tinhamos já começado a dizer, conquistou emfim todo o poder de expressão de que é hoje capaz, que é a inveja de todas as outras artes, menos senhoras do ideal, aspiração legitima de toda a alma humana.

A identificação da musica com a palavra, foi a conquista de todos os corações que pulsam. Conquista que deu á arte do som o dominio que ella exerce majestaticamente em todos os cerebros pensantes.

Sirva de documento o *motu proprio de Sua Santidade*, que muitos lêram sem comprehender, mas que todos devem acatar sem ambages.

O canto a uma só voz não era de modo algum desconhecido nas epochas anteriores. Na nossa liturgia é mesmo em circumstancias multiplas prescripto, como no Prefacio, por exemplo.

Mas o *solo lirico* era bem outra cousa que surgia. Era toda a alma do contraponto expirada castamente n'um extasi de ideal amor, para remir generosamente todo um passado laborioso, que nem sempre se tinha bem orientado. O repertorio musical deste periodo e a força de expressão de que elle é capaz, sabemo-lo todos, mais ou menos bem.

Quem ha que não tenha sentido o *frisson* do terror ao ouvir, devidamente executados, os trechos estupendos em que Mozart, no seu *requiem*, nos põe em frente do *Juizo final*, no qual — ou não fossemos crentes — todas as nossas faltas serão rectamente julgadas?

E que poder de sugestão mística equal

ao dessas paginas geniaes que nos legaram os Beethoven, os Verdi, os Cherubini, os Berlios, os Gounod, e tantos outros despertadores da nossa consciencia religiosa?

Mas...

Aqui temos agora que analysar o reverso da medalha. Sob esta disjuntiva está uma serie de artigos de critica que, se outros trabalhos m'õ não impedirem, tenciono apresentar aos leitores da *Voz de Santo Antonio*, em numeros proximos e immediatos. Até agora apenas tenho escorçado, como no começo havia promettido, a historia agitada da musica religiosa atravez os dezenove ou vinte seculos de Christianismo que ella vem atravessando. Assim habilitei os meus leitores a acompanharem-me, com o seu criterio proprio, nas analyses que lhes vou apresentar do que seja actualmente a musica nas nossas egrejas e do que ella deve ser nas nossas e em todas, onde se attende á magestade do Creador, mais que á das creaturas.

A posição official que occupo, antes que necessidade urgente de aproveitar o tempo que me não sobeja, impõe-me á consciencia o dever de concorrer com a minha quarta parte para fazer avançar um apreciavel movimento de regeneração artistica que se vae felizmente sentindo na nossa sociedade religiosa.

Alguns Prelados, se bem que sem um criterio justo (porque este não no lo dá só uma boa vontade reconhecida) teem, após o *motu proprio de Sua Santidade*, dado evidentes signaes de vida.

Mas quanto e quanto temos nós todos que trabalhar e que estudar para tornar viavel, n'um meio tão ingrato, os principios ponderados que aquella lei da Egreja nos impõe, em harmonia com o sentir de todas as consciencias christãs?!

Primeiro que tudo é preciso despertar o interesse pela boa causa, depois se legislará.

Ha poucos dias, é forçoso confessar-lo, um dos nossos professores de musica mais em evidencia, fez-nos ouvir, n'uma primorosa execução artistica, uma das mais bellas composições de Palestrina, a missa chamada do Papa Marcello. Pois alem d'um purpurado estrangeiro e outro resignatario muito interessados sempre em cousas d'arte, apenas meia duzia de padres estrangeiros ali concorreram.

Os nossos capitulares, os nossos parochos, os nossos capellães-cantores não sentiram o aguilhão da curiosidade a impellilos para o salão do Conservatorio, onde aquella composição se exhibia. As excepções foram tão poucas que mal as notei eu; mas notei-as.

PADRE BORBA.



Breves, indulgencias, dispensa da Sagrada Congregação de Roma

1.º Da secretaria dos Breves

Por breve de 5 de Dezembro de 1904, S. Santidade Pio x, dignou-se conceder 300 dias de indulgencias, applicaveis tambem pelas almas do Purgatorio, a todos os Fieis, que, arrependidos dos seus peccados, devotamente rezarem pela manhã ou á noite três Avé Marias, com a invocação «*Pela vossa Immaculada Conceição, ó Maria, tornaes puro o meu coração e santa a minha alma*» (que se deve ajuntar a cada uma das Avé Marias) para obter e conservar a virtude da castidade.

*

Concedeu tambem, por breve de 19 do mesmo mez, 200 dias de indulgencias, applicaveis, como as anteriores, pelos defunctos, a todos os que com o coração contricto ao menos, rezarem esta oração jaculatoria «*Adoremus, gratias agamus, oremus et consolemur cum Maria Immaculata sacratissimum et amantissimum Cor Jesu Eucharisticum*»; adoremos, agradeçamos, oremos e consolemos com Maria Immaculada o sacratissimo e amantissimo Coração Eucharistico de Jesus. Aquelles que a rezarem uma vez ao menos todos os dias do anno, e verdadeiramente arrependidos e confessados, commungarem e visitarem uma egreja ou capella publica no dia da Immaculada Conceição, e ali orarem pela paz e concordia dos Principes christãos, pela extirpação das heresias, pela conversão dos peccadores e exaltação da Santa Egreja, concedeu remissão de todos os seus peccados e indulgencia plenaria, que tambem pôde ser applicada pelas almas do Purgatorio.

2.º Da S. Congregação das Indulgencias

A pedido do Excellentissimo Senhor D. Antonio Maria Grasselli, Arcebispo de Viterbo, o Santo Padre dignou se conceder 300 dias de indulgencias, applicaveis pelas almas do Purgatorio, a todos os fieis, todas as vezes que devotamente invocarem com a bocca, ou ao menos com o coração, os Santissimos Nomes de Jesus e Maria.

Acerca da indulgencia da Porciuncula

O Eminentissimo e Reverendissimo Arcebis-

po de Milão propoz á Sagrada Congregação as seguintes duvidas acerca do modo como se deve medir a distancia entre duas egrejas que gozam do privilegio da Indulgencia da Porciuncula, visto nos Breves Apostolicos e nos Rescriptos d'aquella S. Congregação apparecer a clausula: «Comquanto não haja n'aquelle logar alguma Egreja Franciscana ou outra que goza do mesmo privilegio, ou, se existe, dista d'ella uma milha pelo menos.»

1.ª A que medida metrica corresponde o espaço d'uma milha?

Resposta: corresponde a 1489 metros.

2.ª Como se deve medir tal distancia? pela estrada commun, trilhada por todos, ou por quaesquer atalhos que ligam as duas Egrejas?

Resposta affirmativa á primeira parte, e negativa á segunda.

3.ª Se a sobredicta clausula annulla o privilegio, quando não exista tal distancia entre as Egrejas?

Resposta affirmativa.

Da erecção da Via Sacra

Foram propostas á S. Congregação as seguintes duvidas:

1.ª Se é condição essencial para a validade da erecção da Via Sacra, que as Cruzes sejam pregadas na parede sómente, ou se tambem se podem collocar em bancos, sem que a erecção fique invalida.

Resposta negativa á primeira parte, e affirmativa á segunda, com tanto que os bancos sejam immoveis e sufficientemente elevados.

2.ª Se as erecções de Vias Sacras com as cruzes sobre bancos se podem julgar convalidadas pelos ultimos Decretos da S. Congregação, pelos quaes foram absolvidos todos os defeitos commettidos nas erecções de Vias Sacras.

A esta a S. Congregação respondeu que as erecções das Vias Sacras com cruzes sobre bancos immoveis não necessitam de sanação, e que as erecções de Vias Sacras sobre bancos moveis que estão convalidadas pelos taes Decretos, mas que se tirem as cruzes desses bancos e se ponham em logar fixo.

Outras duvidas

1.ª Se os ecclesiasticos, a quem foi concedido por alguma auctoridade mesmo real o titulo de qualquer abbadia ou prepositura já extincta, podem celebrar funcções pontificaes?

Resposta negativa.

2.ª Se esses abbades ou prepositos titulares podem usar das insignias de que usam os abbades intrados, como são a cruz peitoral, mitra e báculo?

Resposta negativa.

3.ª Se os mesmos podem receber alguma benção, principalmente a que se encontra no Pontifical Romano?

Resposta tambem negativa.

4.ª O Procurador Geral da Sociedade das Missões Extranjeiras de Paris perguntou á S. Congregação, qual deve ser a côr dos paramentos da missa votiva da Propagação da Fé, conce-

da em 21 de agosto de 1841 a todas as dioceses em que existir a dita Sociedade.

A Sagrada Congregação respondeu que a côr roxa.

3.º Da sagrada Congregação do Concilio. Dispensa da missa «pro populo»

Desejando o Bispo Metense levantar um edificio na sua diocese para creanças destinadas ao sacerdocio, como por vezes lhe tinha pedido o governo e era da maior importancia, attendendo a que não eram sufficientes o tesouro episcopal nem as esmolos, que recebia, para conseguir o seu fim, pediu á S. Congregação para seus parochos e demais sacerdotes licença de receber estipendio 1.º pela segunda missa que muitos sacerdotes celebram nos domingos e dias santificados, 2.º pela missa «pro populo» dos dias santos abolidos, com licença de a applicar segundo a intenção do dante, para que esse dinheiro podesse ajudar a fabrica do tal collegio.

A S. Congregação, attendidas estas circumstancias concedeu-lhes esta licença por trez annos, com tanto que o dinheiro, assim adquirido, não se gastasse mais que na construcção do collegio, como era o pedido do Prelado.



PENSAMENTOS

Aquelle, é digno de louvor, que faz o que deve e não o que pôde.

SÊNeca.

*

O que muda de terras muda de clima mas não de character.

Horacio.

*

Para grandes males não é difficil conhecer remedio, a difficuldade está em applica lo.

Virgilio.



Seeção historica

O verdadeiro character de S. Francisco d'Assis

(Continuação)



Sabatier foi vêr, e submetteu-se á realidade dos factos. Desejando n'uma segunda viagem levar consigo mais captivos, resolveu escrever

um livro sobre S. Francisco, e pôr em andamento a sua «Vie de S. François», — volume que, depois de premiado pela Academia Franceza chegou a ter passante de 27 edições. (1) Não admira que o valor litterario do livro de M. Sabatier, passando ás mãos da Academia, obtivesse homenagem. A maneira como o eminente critico narra a vida de S. Francisco é inimitavel e no mais alto ponto encantadora. Por vezes traça um quadro, ou narra um episodio em uma só phrase. E, o que ainda é mais difficil, sabe prender a attenção, e manter o interesse até ao fim. A' primeira vista, é pouco facil comprehender como a vida d'um sancto poderia, hoje, ter melhor successo litterario, do que quasi todos os outros livros que se publicaram no ultimo decennio. Vinte e sete edições não seriam coisa extraordinaria para uma novella «psychologica»; mas para uma obra de hagiographia é muito; pois embora, em nossa epocha, tenhamos grande empenho d'encontrar heroes e adoral os, não são elles da classe dos heroes canonizados. Nem a sciencia dos sanctos occupa lugar proeminente na lista dos ramos scientificos, com que se occupa a intellectualidade dos estudiosos da hora presente.

Como, pois, contar com o bom exito do livro de M. Sabatier? Não está longe a resposta: elle não é sacerdote, nem mesmo Catholico; e, por outro lado, applicou inteiramente ao estudo de S. Francisco o methodo do mais «Alto Criticismo».

Avançámos que M. Sabatier não é Catholico. Não importa a que ramo do Protestantismo elle pertence. Confessa-nos que é «Protestante de nascimento, e não d'outro modo». (2) Seja como fôr, esta sua obra é a verdadeira incarnação do protestantismo, a exposição systematica, a continua propugnação e constante panegyrico da falsa theoria, que pretende «enthronisar a consciencia individual, como juiz d'ultima instancia» (pagina 260). Portanto, se ha cousa, para me servir d'uma phrase vulgar mas expressiva, que cheira mal a M. Sa-

batier, é a auctoridade externa da Igreja, que os Catholicos teem por seu principal criterio e regra da certeza. E que admira isso? Não é verdade que o facto de aceitar aquella auctoridade implica submissão, obediencia, rendimento do juizo privado, anniquillação d'opinões particulares, sobre materias de fé? E não é M. Sabatier o campeão d'aquelles «que prégam em nome da voz intima» (pagina 72)? Sim, e julgando pelo disfarçado temor da «ingerencia divina» nos negocios humanos que parece dominar toda a obra de M. Sabatier somos levados á conclusão de que o critico francez pertence áquella amalgama de credos conhecido pelo «Protestantismo Liberal» — a saber, ao systema d'aquelles que rejeitam o que elles chamam a religião sobrenatural. Fechando obstinadamente os olhos á clarissima evidencia da origem e caracter Divino do Christianismo, estes «protestantes liberaes» dementam a razão chamando-se racionalistas.

Ainda que o racionalismo é consequencia logica do protestantismo, não somos os que menos nos admiramos de encontrar tantos membros importantes do clero anglicano adherindo a M. Sabatier. O anglicanismo é demasiado elastico; mas nem pela mente nos passava que se lhe pudesse dar tal latitude, que incluísse entre os seus ministros aquelles, que seguindo fielmente o systema de M. Sabatier teem de obliterar completamente dos seus espiritos a ideia do sobrenatural. Ou talvez que esses clerigos não ponham em execução o disfarçado ataque de morte, que o critico francez está produzindo contra um dos mais proeminentes baluartes da fé. E' o mais perigoso dos ataques, por isso que é disfarçado. Assim como na ultima guerra Sul-Africana, os boers envergando o uniforme das tropas inglezas, se misturaram com ellas, e conseguiram surprehendel-as: assim (para empregarmos as palavras d'um critico inglez já mencionado) revestindo-se do trajo d'um sequaz de S. Francisco, e chegando a chamar-se a si mesmo «lobo em trajo de ovelha» se intromette no rebanho, e attrahe a si as ingenuas ovelhas, até (sirvamo-nos d'uma velha metaphora) algum dia se apresentar a occasião de, segura e efficazmente, vibrar o golpe destruidor».

Dos precedentes de M. Sabatier, consta nos que é de Strasburgo, cursou em sua

(1) «Vie de S. François d'Assise, par Paul Sabatier, Paris, 1894». Extrahimos estes dados da traducção em inglez de Luiza Seymonr Houghton, publicada por Chas. Scribner, Filhos, Nova-York, 1899.

(2) Assim vem expresso no «Corriere della Sera» de Milão, 12 e 13 d'agosto de 1902.

cidade natal a theologia, e exerceu ali por algum tempo as funcções de «pastor». Era, pois, natural esperar que, tendo M. Sabatier prégado o Evangelho, mais tarde, como biographo, tractasse de S. Francisco. Assim fez. Reconhecendo que o S. Francisco da historia era a contradicção dos seus preconceitos theologicos, abriam-se-lhe dois caminhos; ou tomar o S. Francisco na sua realidade historica, abandonando as suas proprias ideias, ou remodelar o retractor de S. Francisco segundo este seu ideal. Escolheu o ultimo partido, que envolve a destruição de S. Francisco.

Esta destruição é feita por dois modos: *negativamente* despojando a S. Francisco de tudo o que sabe a sobrenatural, (1) e *positivamente*, collocando-o em antagonismo com a Igreja. Com um tal fim emprega M. Sabatier todo aquelle formidavel apparatus, com que o «Criticismo Superior» pretende intimidar os incautos. O que significa isto? Significa, por uma subtil analyse de factos psychologicos, descripções, hypotheses, etc., etc., trabalhar por obter evidencia sobre a personalidade, para elle enigmatica, de S. Francisco. Faz preceder de supposições e conjecturas a interpretação dos depoimentos das suas auctoridades, bastas vezes muito secundarias; d'onde aquelles testemunhos parecem assumir, frequentemente, proporções d'um alcance exaggerado, e uma significação que os autores já mais conheceram.

Elle considera como um thesouro qualquer referencia indecisa, qualquer sentença ambigua, qualquer episodio imperfeitamente narrado, que se adapte ao seu proposito, e se exforça para d'ahi extrahir, quanto possivel, materia para a defeza de sua these. Pois é claro que o seu livro não é realmente uma biographia; é a discussão d'uma these. Todavia, não é esta a primeira historia *ad probandum*, para empregar a formula já consagrada, que nos ultimos annos tenha sido escripta á custa de S. Francisco. Temos tido, entre outras, a tentati-

va do «Exercito da Salvação» para tornar S. Francisco um porta-bandeira medieval, (1) o que até foi tomado a serio por um escriptor tão cuidadoso como é Sir Gualterio Besant. (2) Ora Sir Gualterio Besant era, de profissão, escriptor de ficções; M. Sabatier, como amator da historia, deve ter reconhecido que o «plano de salvação» de S. Francisco não consistia, apenas, no mero appello para «vir a Jesus, etc.», á maneira do appello do Exercito da Salvação. Nem M. Sabatier tem tanta inconsequencia como Gebhard, (3) que põe S. Francisco entre Arnaldo de Brescia e Frederico II, e o faz trabalhar com os mesmos intentos que o tribuno e o despota. Tampouco subscreve o critico francez á theoria de Thode, que faz de S. Francisco um precursor da chamada Reforma. (4) M. Sabatier tem illustração de mais, para chegar a suppôr que S. Francisco, ainda nos mais elevados arrojos de sua vivaz imaginação italiana, crêsse jámais que algum homem sensato pretendesse reformar os ramos da Igreja, desarraigando a arvore por completo. Elle estabelece cathegoricamente (pag. 17) que a attitude de S. Francisco perante a Igreja «foi a de filial obediencia». Isto mesmo é apenas o escudo com que proteje um novo assalto mais insidioso.

Mediante «maduro juizo, fructo dos estudos historicos» e «nova attenção a tudo o que é vigoroso e realmente grande», (5) S. Francisco é «racionalizado» («rationalized»). Por outros termos, com a applica-

(1) Fr. Francisco; ou, O Menor do que Minimo». Por Douglas, Porta-Estandarte do Exercito de Salvação, com uma introdução pelo «General Booth». Serie «Red-Hot Librari».

(2) «A Obra do Exercito de Salvação», por W. Besant. Revista Contemporanea, Dezembro, 1897.

(3) Italie Mystique.

(4) Franz von Assisi und die Anfänge der Kunst der Renaissance in Italien. Berlin, 1885.

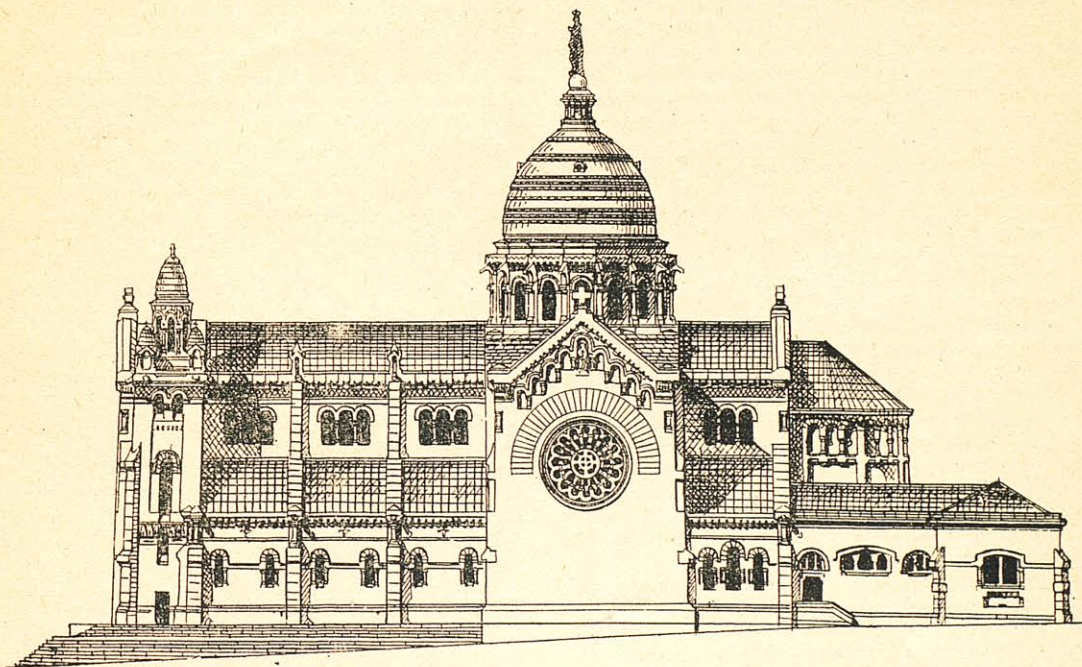
(5) E' tambem o criterio do professor Adolpho Harnack na sua recente producção, «Das Wesen des Christentums». (Vide pag. 14, 23, 24 da traducção Inglesa «What is Christianity» por Thomaz Bailoy Saunder, publicada por Putnam's, Novo York, 1902). Este criterio contém a essencia do Racionalismo, cujo summo sacerdote é conhecidamente o Reitor da Universidade de Berlin. Quantos estejam familiarizados com os escriptos do professor Harnack verão na obra de M. Sabatier a mesma nota d'infidelidade pensada,

(1) Os traductores italianos do livro de M. Sabatier, os professores Ghidiglia e Pontani, louvam o critico francez por ter «separado S. Francisco do sobrenatural etc.» Veja-se a pagina 8.^a da traducção italiana (Roma, Loesher, 1896). E aquelles que M. Sabatier reuniu em Italia, para seu sequito, aspiram a tudo o que ha de mais — «Liberal».

ção do sobredito criticismo ás fontes da historia franciscana, o «Propheta da Umbria» fica despojado, como dissemos, de todo o sobrenatural, e reduzido a qualquer vulgaridade meramente natural e pouco orthodoxa. S. Francisco torna-se o precursor do subjectivismo em materias de religião (pag. 335), desejando obedecer apenas a um certo ser indefinivel ou ideal (pag. 236).

Segundo esta «idea» de M. Sabatier, S. Francisco annuncia uma religião popular separada de todos os dogmas, dirigindo os seus caminhos pelo affecto puramente

S. Francisco eram realmente (1) anti-romanos, e anti-organizadores, soffreu elle violencia, durante a vida e ainda depois de morto, da parte da Curia Romana, que visava a suffocar o germen do mysticismo individual e irresponsavel, essencia da sua vida e de seu ideal. Bem como «o meigo Galileu, que prégou uma religião de revelação pessoal, sem lei ceremonial ou dogmatica», exactamente do mesmo modo S. Francisco «triumphou, unicamente com a condicção de ser vencido, e de permittir que as suas palavras d'espírito e vida fossem confixadas por uma Egreja essencial-



MONUMENTO COMMEMORATIVO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO EM LISBOA (PROJECTO)

subjectivo, prêga a imitação pessoal de Christo, em opposição directa com os principios hierarchicos da Egreja Romana. Por isso mesmo que o espirito e o intento de

refinada. Pertencem á mesma eschola, — a que, arrogando-se, em nome da sciencia, o monopolio da critica, trabalha por estabelecer como dogma, da exclusão de todo o sobrenatural. De véras basta um momento de reflexão para nos convençermos de quanto é anti-scientifico e «tendencial» este ou qualquer outro systema, em que o prejuizo e o arbitrio institue a critica.

«E' bem certo o que se disse, que o criticismo racionalista «se passa do campo da erudição para o da philosophia, é puerilidade».

mente dogmatica e sacerdotal» (pag. xviii). Eis, em resumo, a conclusão a que está escravizada a these de M. Sabatier. E esta these, baseada em premissas fallazes, e que não prôva, denuncia-o, e tyranniza-o do principio ao fim da obra — roubando-lhe os olhos da verdade, quando não o cega para logo. Tractaremos de justificar estas asserções, e as poucas passagens do livro, que parecem illustrar melhor a analyse do critico francez.

(1) No pensar de M. Sabatier. — Nota do traductor.

O dogma da Immaculada Conceição na historia Franciscana

(Continuação)

No seculo XVII a controversia tornou-se mais animada, dando lugar a novos triumphos alcançados com a pena e com a palavra. Em quanto cada disputa sinála uma victoria de mais para os defensores da Immaculada, uma verdadeira primavera bibliographica sobre este mysterio brota da Ordem Franciscana (1) e a *piadosa sentença* é mais que nunca considerada madura para ser proclamada dogma de fé.

São d'importancia capital as embaixadas que os Reis d'Hispanha Philippe III e Philippe IV enviaram à Santa Sé para este fim. (2)

A primeira d'estas embaixadas era composta de tres eminentes personagens, que antes de partir para a sua missão, entraram na Ordem Terceira; e a segunda tinha por embaixador um Franciscano, o P. Antonio de Treja elevado n'aquella occasião ao Arcebispado de Cartagena, que era acompanhado do P. Lucas Waddingo, o grande annalista dos Frades Menores.

A embaixada foi favorecida por Paulo V com um decreto (3); e coroada a sua missão com uma constituição solemne por Gregorio XV, em que se prohibem as discussões, publicas ou privadas contra o privilegio, e ordena a celebração da festa da *Conceição*, e não a da *Santificação*, e se confirmam as Constituições de Sixto IV, Alexandre VI, Pio V e Paulo V, conformes a este decreto. (4) Perguntando-se á historia o que fez o legado Franciscano, Antonio de Treja; e observando se o monumento erecto por Waddingo á Immaculada com os seus escriptos, e a poderosa intervenção dos padres Franciscanos Daza e Velasques, devemos convencer-nos que a Hespanha com esta embaixada dirigiu o ataque, onde correram todas as tropas Franciscanas.

Entretanto os Frades Menores obteem insignes privilegios para a propagação da devoção á Immaculada, e, ajudados pelos Superiores fundam por toda a parte confraternidades, cujos membros juram defender sempre e por toda a parte o glorioso privilegio de Maria (5)

Em 1621 no capitulo geral da Familia Cismontana, sob o governo do Ministro Geral, P. Benigno de Genova, todos os Padres capitulares fazem juramento de dar a vida, se tanto fôr preciso, pela defeza da Immaculada Conceição. (6)

No capitulo geral de Toledo (1633) ordenou-se que em todos os conventos de estudos fosse

instituida uma commissão permanente encarregada de propor e resolver todas as questões relativas á singular prerogativa de Maria. (1) Era uma academia tão vasta como toda a Ordem Franciscana! uma mina inexaurivel, que todos os 15 dias fornecia argumentos sempre novos em defeza do privilegio e novas luzes para o illustrar! era a Ordem inteira consagrada ao estudo e defeza da Immaculada Conceição!

No capitulo geral de 1645 a Immaculada foi eleita Padroeira da grande Familia Franciscana. (2)

Em 1647, sob o pontificado de Innocencio X, recomeça a lucta, quasi apagada pelas disposições de Gregorio XV; porque os oppositores, abusando do poder que tinham na mão, separam o titulo de *Immaculada* da palavra *Conceição* para com fina astucia o ajuntarem a *Maria* (3)

O primeiro a protestar foi o P. João de Naples, Ministro Geral dos Frades Menores, que chama á liça todas as Ordens religiosas, as Academias e os seus Frades para conjurarem o perigo, e faz mesmo que Philippe IV, rei de Hespanha se interessasse na defeza. A instancias d'este formou-se então na Hespanha uma commissão de eminentes Franciscanos para defenderem o privilegio ameaçado; entre os quaes figuram os nomes de Gaspar de la Fuente, Pedro d'Alva, Pedro Valvas, João Guttieres, que compozeram obras monumentaes em defeza do privilegio de Maria. (4)

O titulo de *Immaculada* volta ao seu lugar sob Alexandre VII que approva as obras de B. Waddingo que o tinham estampado no frontispicio (5); e apressa o triumpho do privilegio com uma constituição (6); de que se colhe que se a crença da Immaculada não fôra ainda proclamada infallivelmente, todavia era virtualmente reconhecida e certa. Com aquella Bulla Alexandre VII apenas deixava aos adversarios a consolação de não incorrerem em heresia, em quanto a Egreja o não pronunciassse. (7)

No ultimo quartel do seculo XVII os oppositores tentam levantar a cabeça; porém os Franciscanos reduzem-nos a silencio; pois que o P. Dias de S. Boaventura obtem de Innocencio XII que seja obrigatorio em todo o mundo o Officio da Immaculada Conceição, com oitava; (8) e de Clemente XI que a festa da Conceição seja de preceito para todo o orbe catholico. (9)

Os reis de Hespanha servem-se das obras dos

(1) *Gubernatis, Orbis Seraphicus* p. 28.

(2) *Regest. Authent.* col. 550.

(3) *Strozzi, op. cit.* pag. 555—*Pauwels-Molini, op. cit.* cap. XVII.

(4) As principaes são: *Bibliotheca virginatis*, 3 vol, Madrid, 1645; *Armentarium Seraphicum et Regestum Authenticum*, Madrid, 1649; *Nodus indissolubilis*, Bruxelles 1663; *Militia Immaculate Conceptionis*, Louvain 1664; *Monumenta antiqua franciscana*, Louvain, 1665; *Radii solis Seraphici*, Louvain, 1665 etc.

(5) Malou, *op. cit.* A. II pag. 293—Dubosc de Pesquidoux *op. cit.* A. I, pag. 447.

(6) *Solicitududo omnium Ecclesiarum*, 8 de dezembro de 1696.

(7) Malou, *op. cit.* A. I, pag. 77 ss.; e A. II, pag. 311 ss.

(8) Bulla *«In excelsis»* 15 de maio 1693.

(9) Bulla *«Comissi vobis»* 6 de dezembro 1703—Bachellet, *op. cit.* A. II pag. 50.

(1) *Pauwels-Molini, op. cit.* cap. XI, XVI,

(2) Waddingo, *Legatio Philippi III et IV Catholicorum Regum Hispaniarum ad SS. NN. Paulum Pp. V et Gregorium XV de definita controversia Immaculate Conceptionis B. V. Mariae per Illustrissimum et Reverendissimum D. D. Fr. Antonium a Trejo Episc. Carthag. Regium Consiliarium et Oratorem ex Ora Min., Antwerpiae, 1641.*

(3) *Decret. cit. S. R. Inquisit.*, 13 d'agosto de 1617—*Regest. Authent.*, col. 180 ss.

(4) *Regest. Authent.*, col. 183 ss.

(5) *Pauwels-Molini, op. cit.* cap. XV.

(6) Veja-se a formula do juramento inscripta por *Pauwels-Molini* na sua obra já tantas vezes citada cap. XV, not. 2.

Franciscanos para insistirem na urgencia da definição dogmatica do bello privilegio de Maria. (1)

*

No seculo XVIII os adversarios tornam-se mais raros; e já não entram na controversia com o ardo d'outros tempos.

Os defensores começam a pregostar as alegrias do triumpho.

Foi naquelle seculo, que numa carta de S. Leonardo de Porto Mauricio, fallecido em 1751, se traçou o plano, seguido mais tarde por Pio IX para chegar facilmente á definição daquelle dogma: um Concilio por escripto! (2)

Clemente XIV, Franciscano aprovava em 1771 uma Ordem equestre sob o titulo de Immaculada Conceição.

*

No principio do seculo XIX os Franciscanos obteem de Pio VII que no Prefacio da missa da Conceição se exprima o singular privilegio de Maria com as palavras: *Et te in Conceptione Immaculata!*... (3) e de Gregorio XVI que nas Laudinhas de Nossa Senhora se ajuntasse a invocação: *«Regina sine labe originali concepta»*.

Com o seculo XIX a crença na Immaculada entrava definitivamente no periodo de posse tranquilla e consciente duma verdade discutida por muito tempo, mas enfim triumphante. (4) Mas a quem se deve esta victoria que era o preludio do triumpho final?

A historia de seis seculos responde que ao incansavel trabalho dos filhos de S. Francisco. (5)

Agora faltava apenas que Pedro fallasse e que ao Credo christão ajuntasse: *«Ella é Immaculada»*. E Pedro movido pelas supplicas do mundo catholico, movido pela famosa carta de S. Leonardo, da qual quizera vêr o authographo no Retiro de S. Boaventura em Roma e das insistentes memorias dos seus irmãos, poz em pratica em 1849 a ideia do Concilio por escripto, que lhe foi sugerida por aquella carta. (6)

E a 8 de dezembro de 1854, Pedro na pesoa de Pio IX fallou! . . .

Pio IX era um fervoroso Terceiro Franciscano.

*

(1) Veja-se a proposito o tractado do P. Lassado; *Synopsis doctrinae pro proxima definitivitate articuli de Immaculata Deiparae Conceptione*. Madrid 1733.

(2) S. Leonardo, *Epistolario*, etc. *Opere* vol. IV, pag. 451, 453, 454, 456, ediz. Emiliana, 1868.

(3) Decreto de 17 de maio de 1816 — Mansella, *Il Dogma della Immacolata Concezione*, etc. vol. II, pag. 121.

(4) Le Bachelet, *op. cit.* t. II, pag. 52.

(5) Com esta conclusão deduzida legitimamente do assumpto historico que para muitos será talvez uma revelação da parte importantissima que os Franciscanos tiveram na defeza e na preparação da definição dogmatica da Immaculada Conceição de Maria, não intentamos de modo algum diminuir ou attenuar, como bons catholicos, a acção interna do Espirito Santo na mente e coração dos fieis, para fazer germinar e consolidar a sua fé neste suavissimo dogma christão. Isto seja dito para aquelles que considerando, com torcida intenção — o argumento por nós desenvolvido sob o ponto de vista exclusivamente theologico, fossem tentados a oppôr-nos que *«nimis quid sapit humanum»* o concluir d'este modo.

(6) Malou, *Op. cit.* t. II, pag. 339.

Aquella branca bandeira hasteada no alvor do seculo XIV pelo V. Duns Escoto, em volta da qual se agruparam os membros da Familia Franciscana em seis seculos de batalha pela defeza da Immaculada Conceição de Maria, no dia 8 de dezembro de 1854, tomou parte no triumpho final, symbolisada por um lirio branco de prata.

Hoje cincoenta annos depois d'aquella data memoranda, foi confiado ás minhas pobres forças, o cargo de memorar neste nobilissimo Congresso as batalhas e as victorias Franciscanas que preparavam o Triumpho Mariano de 1854.

Apezar da minha insufficiencia perante um tão arduo argumento, tentei intretecer uma corôa de gloria bem merecida em torno da fronte dos meus maiores, e hei cumprido um dever!

P. AGOTINO MOLINI, O. F. M.



Excavações

VII

A Ordem Terceira de S. Francisco

Com este titulo publicou ha pouco, o bom jornal A CRUZ de Vianna do Castello um officio do Ex.^{mo} Nuncio Apostolico resolvendo certo conflito de jurisdicção entre o Padre Commissario e Vigario do Culto da mesa da V. O. Terceira de Vianna em 1901. Vamos transcrevê-lo não pela novidade da doutrina acerca das attribuições e direitos do Commissario da Ordem Terceira, aliaz bem definidos pelos Summos Pontifices, mas para que muita gente terceira se persuada que o Papa manda na Ordem Terceira mais que muitos christãos.

Sem mais commentarios pedimos attenção.

Recebi o officio que os Irmãos J. de Souza Faria, ministro da V. O. 3.^a de S. Francisco, da cidade do Porto, e o padre Sebastião L. de Vasconcellos, commissario da mesma V. O., em data de 10 de agosto p. p. me dirigiram no intuito de terminarem as antigas questões de jurisdicção entre o Commissario e o Vigario do Culto Divino, pedindo, depois de auctorisados pelos membros dirigentes da mesma Ordem, a minha interferencia na questão que ha muito tempo se vem debatendo em todas as mezas eleitas pelo defensorio para a gerencia dos negocios da mesma Ordem; e resumindo a questão assim. O commissario pela sua parte firmado nas attribuições e como superior espiritual da Ordem que lhe confere a constituição Apostolica — *Misericors Dei Filius* — alem das faculdades da investidura do habito e profissão religiosa para os 3.^{os} seculares, julga-se com as attribuições espirituales de presidir a todos os actos e funções religiosas que se celebram na capella da mesma Ordem; por outro lado, o Vigario do Culto Divino, não chamando a si as attribuições de investidura do habito e recepção de profissões, entende que a elle pertence o direito de presidir aos actos e funções religiosas.

Julgo opportuno antes de tudo expôr aqui em

resumo as attribuições, que segundo as diversas determinações Pontificias, entre outras as de S. Pio v Bento XIII e Pio IX e Leão XIII, competem respectivamente ao R. P. Commissario e ao Vigario do Culto Divino.

Ao R. P. Commissario de qualquer confraternidade da V. Ordem 3.^a de S. Francisco pertence de direito, na ausencia de outro superior maior, a presidencia em todos os actos officiaes da Ordem 3.^a de S. Francisco e nas juntas do definitório, que só elle pode e deve convocar nas epochas determinadas pelos estatutos particulares da Confraternidade, e quando o julgar conveniente,

E' igualmente da sua attribuição exclusiva admittir e dar a profissão na Ordem 3.^a, visitar os enfermos em circumstancias especiaes, excluir da Ordem os incorrigiveis, depois de admoestados por 3 vezes e previo consentimento do definitório, assignar as patentes e documentos que houverem de dar-se aos Irmãos; commutar as obrigações da Regra aos que tiverem legitimo impedimento, e velar, em consciencia, se se cumprem os legados, esmolas e demais encargos da Ordem. E' dever do P. Commissario, por si ou pelo seu representante, celebrar os actos piedosos, funcções religiosas, etc, que estão a cargo da Ordem. N'uma palavra o Commissario na igreja ou capella da Ordem é a unica legitima auctoridade á semelhança do Parocho na sua Parochia.

Ao Vigario do Culto Divino compete:

Ter a seu cuidado os objectos que mais ou menos se relacionem com o Culto Divino, como são: a Igreja ou Capella da Ordem, os altares, as imagens, os paramentos, etc, e terminada a sua gerencia, entregal-os á face do mesmo inventario. Está confiado ao seu zelo e piedade o esplendor religioso do culto divino na igreja da Ordem, o acceio e limpeza, conservação e renovação de todas as alfaias da igreja, sacristia, etc, etc. preparar quanto é necessario para a celebração dos actos religiosos, festas, tomadas de habito e profissões, etc, e por isso deve assistir punctualmente a todos estes actos, para providenciar quando seja necessario. E' tambem o Vigario do Culto Divino que deve comunicar com a devida antecipação ao padre Commissario, ao Ministro ou ao secretario da Ordem, quaes os dias de indulgencia, de absolvição, de festas e solemnidades da Ordem, afim de que estes avisem a tempo os irmãos. O Vigario do Culto Divino tem ás suas ordens os sacristães para o desempenho das suas obrigações. Na ausencia do P. Commissario e de seu delegado pôde presidir aos actos do culto religioso que não envolvem jurisdicção.

Como se vê, as attribuições que os Estatutos geraes da Ordem 3.^a assignam ao Commissario e ao Vigario do Culto Divino são inteiramente distinctas.

O P. Commissario é um superior, ou antes o primeiro superior da Confraternidade, ao passo que o Vigario do C. D. é apenas um membro do Definitório ou Conselho de Confraternidade em questão, não pôde attribuir a si os direitos que arroga de presidir aos actos do culto religioso, embora esses actos não sejam investiduras de habito ou profissões.

Mas poderá o Vigario do Culto Divino accumular as funcções do Commissario?

Não pôde. A razão é obvia e deduz-se do que já fica exposto, além das que passo a considerar.

1.^o—Ninguem pôde ser subdito e superior ao mesmo tempo a respeito da mesma auctoridade; ora o P. Commissario é o Superior da Ordem, ao passo que o Vigario do Culto é um subordinado. Seria rebaixar a ordem elevar o Vigario do Culto a Commissario.

2.^o—O Vigario do Culto é eleito pelos irmãos da ordem em assembleia geral, pois é um cargo da ordem. Pelo contrario o P. Commissario não é nem pôde ser eleito pela ordem. O Commissario é de direito um religioso da Primeira Ordem ou da Terceira Regular, segundo todas as prescripções Pontificias e ultimamente ainda pela Regra (Cap. III n.^o 3) mandada observar por Leão XIII (*Const. Miseric rs Dei Filius*). Todavia quando no lugar onde existe uma confraternidade da Ordem 3.^a não ha religiosos da 1.^a Ordem, S.S. na carta de 7 de julho de 1883, dirigida aos Geraes da Ordem Franciscana, concedeu que estes podessem nomear um sacerdote que exerça as funcções de Commissario.

Este sacerdote recebe pois a sua jurisdicção unicamente dos Superiores de 1.^a Ordem, aos quaes em tudo fica sujeito, bem como sujeitos estão á 1.^a Ordem as confraternidades da Ordem 3.^a sem o que perdem *ipso facto* a sua existencia canonica, ficando reduzidas a uma associação qualquer civil.

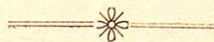
Do exposto se infere que tambem não pôde ter despacho a petição, feita pelos membros da Ordem em questão, signatarios do sobrecitado officio de 10 de agosto, isto é, de que o Vigario do Culto eleito pela Assembleia da Ordem, receba *ipso facto* a jurisdicção e as attribuições de Commissario, pois que o Commissario, como acima se disse, não pôde ser eleito pelos membros da Ordem mas só pôde ser aquelle que merecer a confiança dos superiores maiores e que elles elegerem segundo a concessão de Leão XIII supracitada.

Fica ainda a notar que no officio de 10 de agosto p. p. encontram-se na 3.^a pagina estas palavras: «faculdades necessarias dependentes da approvação do Ordinario Diocesano.» Não se comprehende bem o sentido que os signatarios do officio quizerem dar ás referidas palavras. Em todo o caso devem se advertir que as faculdades e jurisdicção do Commissario bem como as suas attribuições, graças, privilegios etc. da Ordem 3.^a não estão dependentes do Ordinario Diocesano.

Devolve incluso ao R. P. Commissario da Ordem o diploma das faculdades concedidas a elle em outubro de 1900; e aqui fico sempre disposto a prestar de muito boa vontade todo o meu concurso para o bem d'essa Veneravel Ordem 3.^a de S. Francisco.

† André, Arcebispo de Damietta.

Nuncio Apostolico.



Leituras amenas

O Rei Valdemar

(LENDA)



ALDEMAR era o homem mais feliz, e o rei mais ditoso que houve na Dinamarca.

Jovem, valente, esforçado, não havia cavalleiro que na liça ou na estacada o aventajasse em galhardia e valor.

Eram-lhe os torneios campos de gloria e nos esplendidos banquetes punha suas delicias.

Exquisitissimos eram os vinhos que doiravam os chrystaes da sua opulenta mēsa.

Seus pagens só veludos e ouro trajavam de suaves arminhos vestiam as formosissimas damas da sua cōrte.

*

* *

As noites dedicava-as Valdemar ao baile e aos prazeres; e os dias levava-os na caça.

Porque era uma grande paixão, a que o Rei da Dinamarca tinha pela caça, mas paixão nobre, como nobilissimo era o sangue que lhe galopava nas veias.

Javali ou gamo, que saltasse deante do seu fogoso corcel, cahia logo.

A's vezes, quando mais louco corria atrás das feras dos bosques que se lhe perdiam nas escabrosidades das montanhas, ou nos emaranhados labyrinthos das selvas sahia-lhe ao encontro algum veneravel monge, de longa e encanecida barba, e com os olhos postos no céu lhe gritava:

— Rei da Dinamarca cuida do teu povo, e deixa em paz os echos do ermo!

A tua vida é uma orgia, e o teu fim será infeliz!

Ai de ti, Rei Valdemar!

Mas o rei desprezava a voz dos sanctos, e descarregava grandes golpes nos ministros do Deus Altissimo.

Um dia Valdemar voltava da caça.

Ao som vibrante da sua eburnea trompa luzida companhia de nobres e senhores castellões se juntaram a elle.

Era ao cahir da tarde.

O sol doirava os curuceos nevados de Gurre.

Valdemar contempla extasiado o esbelto perfil do velho castello, habitação ditosa de mais de quarenta Monarchas.

— A minha dita é sem igual! — exclama. — Não me arrebatte Deus nunca o meu querido castello de Gurre, e eu renuncio ao seu paraíso! Por Santo Olaf, que não fico mal da troca!

E em alegre trotar entraram pelas portas do formoso castello.

O rei Valdemar fez-se velho, muito velho.

Mandou chamar um padre para a sua cabeceira, mas não se encontrou nenhum.

E após uma curta doença morreu.

E quando o rei morreu ouviu-se uma voz sobre a torre de menagem do castello de Gurre, a vivenda ditosa de mais de cem monarchas e de Valdemar.

E a vós, que parecia do anjo Senhor dizia:

— «O rei da Dinamarca é ditoso sem igual — Pelo seu castello de Gurre cedeu elle o paraíso a Deus.

«E Deus deu-lhe longa vida, tão longa qual nenhum rei a teve ainda».

Quizeram então levar o cadaver do rei para junto dos seus antepassados que na cripta da capella dormiam o somno da morte em humidas urnas de alabastro.

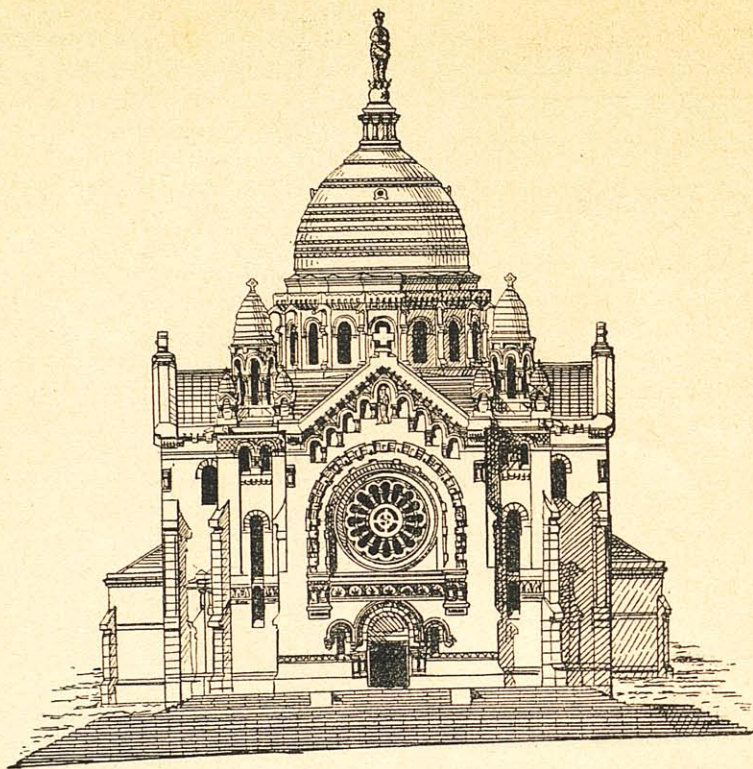
Mas o seu corpo fez-se pesado, pesado... e nem cem homens o poderam arrastar d'alli.

Umaz vezes que causavam terror soavam pelas longas arcadas do Gurre.

A gente de Valdemar aterrorisou-se e abandonou o formoso castello, vivenda de mais de cem monarchas e de Valdemar.

E juntamente com essas vezes ouvia-se um galopar infernal um relinchar continuo de muitos corceis em debandada.

E por entre o trotar e o relinchar dos cavallos e por entre o zunido dos ventos coando-se atravez das largas fendas das descosidas portas, e os arruídos dos agua-ceiros que fustigam os ennegrecidos muros do Gurre, ouviram-se os estalidos asperos do



MONUMENTO COMMEMORATIVO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO EM LISBOA (PROJECTO)

terrível chicote, vibrado pela mão do anjo do Senhor.

O chicote é aquelle com que o rei Valdemar fustigava os padres e os monjes que o reprehendiam das suas orgias e devassidões.

Pelas florestas do Garib, e pelas ruinas do Gurre ouvem se durante as formosas e estreladas noites do verão tristissimas vozes que bradam, ao som de eburneo clarim:

— Oh! camponezes de Borestingerod, oh! habitantes de Lystrup, não cerreis as portas das vossas cavallariças:

«O triste rei Valdemar, que passava a vida em festins e caçadas, e espancava os monges e os padres, e burlava as virgens, não tem onde passar a noite, nem onde pensar os seus famélicos alazões!

«Oh! tristes habitantes das cercanias do Gurre, mansão ditosa do rei Valdemar, não fecheis as vossas estalagens, que o vosso bom rei, que tanto vos amou, mas que passou a vida nos festins, e nas danças, que espancou sacerdotes e deshonorou donzellas, não tem onde saciar a fome que o devora, nem onde extinguir a sêde que lhe rala as entranhas».

E os pobres villões de Borestingerod, e

de Lystrup, e os miseros habitantes do Garib e das cercanias do Gurre, deixam durante a noite de S. João as portas das cavallariças e das estalagens e dão miserias vivendas, abertas, para que o rei Valdemar, que passava a vida em festins e cacerias, mate a fome e apague a sede, a si aos seus infelizes alazões.

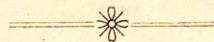
E Deus premia a piedade destes bons dinamarquezes para com o seu triste rei.

Porque se é verdade que Valdemar vivia muito longe dos caminhos da justiça e do bem pois grande crime é escarnecer e maltratar os ministros da religião, e enorme maldade não respeitar as virgens do Senhor, mas tinha uma boa qualidade este desditoso rei:

— Nunca se disse na Dinamarca que Valdemar deixasse de socorrer um pobre que a elle recorresse.

E' por isso que ao misero rei Valdemar jámais, até ao fim do mundo, faltará mèsã posta para si, nem palha para os seus cavallos; que, *quem dá ao pobre empresta a Deus*.

TH. G.



Vida e costumes d'alguns insectos

II

GENERALIDADES

São tão curiosas as particularidades que distinguem e caracterizam os insectos, e ao mesmo tempo tantas e tão minuciosas que impossível seria atinar com todas ellas quanto mais descrevel-as.

Já falamos d'algumas no precedente artigo e iremos agora apontando outras que nos lembrarem, menos para satisfazer aos entendidos na materia, que para illustração e curiosidade dos que mais andam em contacto com estes pequeninos viventes—dos habitantes do campo.

*

* *

Em todos os insectos, como nos vertebrados, ha instrumentos de esforço e movimento; são os ossos e musculos. Uns obram como alavancas, outros como ponto de apoio; uns são mutores, outros moderadores do movimento.

Nos vertebrados cujo caracteristico é a espinha dorsal, ou *espinhaço*, os musculos ou carne estão por fóra dos ossos cobrindo-os e protegendo-os.

Nos insectos dá-se o contrario. São os ossos os que protegem os musculos envolvendo-os e resguardando-os de qualquer perigo exterior, servindo-lhes como que de armadura e defeza. Tudo parece concorrer para os tornar uns animaes terribes e formidaveis, involneraveis a qualquer aggressão, armados e cobertos de forte coiraca que os defende, munidos de prezas e garras porque luctam e vivem.

Se sua extrema pequenez não fosse um contrapezo a sua formidavel extractura, ou nos dispensariam os comboios e machinas de guerra servindo-nos, ou se trocariam os papeis, sendo nós os miserios insectos expostos a sua poderosa e invensivel brutalidade. Quem se atreveria com um escaravelho, capaz de arrastar dez mil arrobas se attingisse a grandeza do cavallo ou do boi?

Um Krupp em sua forte armadura, não valeria a marrada d'um mosquito!

*

* *

A forma dos insectos e disposição de seus membros adequados ás necessidades e exigencias de cada um, não é menos digna da nossa attenção.

Aquelles insectos que só foram destinados a correr pela terra tem todas as pernas eguaes e muito proprias á locomoção facil e rapida.

Outros tem costumes sedentarios, e por isso seus membros locomotores revestem outras formas e são dotados de menos agilidade.

Os insectos organizados para viverem na agua habitualmente, teem a forma d'um barco mais ou menos modificada, providos de remos e leme, proprios a facilitar e dirigir seus movimentos.

Outros vivem na agua, mas só á superficie, sendo para isso providos de verdadeiros patins,

que por certos movimentos, são n'ella tão velozes como no mar um ligeiro barquinho impellido por forte vendaval.

Ha grande quantidade de mosquitos e outros insectos que gostam de patinhar nas fontes e tanques, e o executam perfeitamente sem se afundarem, porque tem certos pellos nos pés onde se formam bolhas d'ár que os sustentam no momento de correrem na superficie liquida. Tem aqui tambem parte os phenomenos capilares.

Muito notavel é tambem o salto descomunal dos gafanhotos, pulgas e outros insectos. Se um homem atirasse um pulo proporcionado ao de uma pulga, um só lhe bastaria para chegar de Lisboa ao Porto. Em meia duzia de saltos punha-se em Paris. Com mais dez ou doze eil-o em S. Petersburgo. Bastar-lhe hiam portanto quarenta ou cincoenta saltos para chegar com uma mensagem d'el-rei de Portugal ao imperador da China ou do Japão.

E' devida a ligeireza e agilidade dos taes insectos á extractura e forma peculiar de suas pernas posteriores, muito altas e de forte musculatura. Quando pretendem transpôr grandes distancias dobram-nas até juntarem as duas metades de que se compõem, extendendo-as e retezando-as logo muito rapidamente, elevam o corpo a grande altura e o impellem para deante a distancias enormes.

*

* *

Tambem emittem sons muito variados e caracteristicos.

Vozes propriamente dictas não as ha nos insectos, são propriedade exclusiva dos vertebrados. Contudo os sons e musicas que produzem são em certas especies tão vibrantes e afinados, tão doces e melodosos em outros, e em alguns tão sentimentaes e melancolicos que não parecem muitas vezes uma simples acção mechanica, mas uma cantiga estudada e reproduzida com o fim de deleitar, de commover, de despertar as paixões e commover o coração.

Que musica mais cheia d'uma doce e agradável melancholia que o monotono trinar do grillo? Que recordações fagueiras não desperta em minha alma, trazendo me á memoria os desfeitos e felizes dias de minha juventude!

As creanças gastam tardes inteiras atraz da aprazivel canção do grillo solitario, e sentem n'isso um prazer innocente e suave.

E' produzida esta musica ou ruido pela fricção rapida e regulada das azas do insecto, que elle á vontade reforça ou modifica.

Menos attractivos certamente mas não menos curiosos são os sons vibrantes e enfadonhos das moscas, mosquitos, abelhas e em geral de todos os Hymenopteros e Dipteros. Procedem de vibrações rapidas e continuadas das azas e certas membranas foliaceas postas em movimento pelo vôo ou pelo tremor peculiar d'alguns que ainda parados não cessam sua enfadonha musica.

Nunca porém é tão enfadonha e desagradavel como a das cigarras, produzida por um aparelho especial e exclusivo d'este insecto. Tem elle um aparelho ou caixa de musica escondido debaixo de operculos ou palhetas. Compõe-se de corpos vibrantes chamados *timbales*, que são movidos

pela acção d'um musculo especial. Tem alem d'isso certas membranas proprias para reforçar e augmentar o som, são o *espelho* e *membrana dobrada*. As *cavidades sonoras* fazem n'este aparelho o officio da caixa n'um instrumento de corda.

*
* * *

Outra particularidade muito caracteristica dos insectos é a secreção de diversos liquidos, segundo as especies. Alguns ha que os segregam nauseabundos e repugnantes, como são todas as especies de percevejos e quasi todas as dos pulgões e murilhões. Outros pelo contrario deitam um cheiro muito odorifero e agradável. E' d'este numero a cecindella entre outras especies. As abelhas, abelhões, vespas e outras segregam d'uma glandula anal, pelo ferrão, um liquido venenoso que causa dores agudas. E' quando as fazem irritar que ellas geralmente expellem este liquido, cravando o ferrão no que as persegue.

A seda e a cera tem a mesma origem.

Quem tira melhor partido d'esta propriedade dos insectos é a industria e a medicina.

Da formiga principalmente extrae-se o *acido formico* muito vulgar e conhecido na clinica.

A tinturaria enriquece-se todos os dias com as mais lindas e variadas côres, com as tintas mais preciosas e brilhantes, cheias de viveza e resplendor, roubados para assim dizer aos bichinhos de todas as classes, e sobretudo aos *Coleopteros* e *Cynipidos*. A grã, a purpura e outras tintas tão preciosas, são productos de varios e insignificantes insectos.

Entre as segregações mais notaveis e curiosas podemos citar a phosphorencia d'alguns insectos, phenomeno aliás conhecido, mas verdadeiramente maravilhoso e surpreendente.

Quem em noites de verão não viu essas luzinhas caladas vagando de espaço a espaço nas trevas da noite? Quantos medos e terrores não causaram ás pessoas supersticiosas, que ainda creem em bruxas? As creanças pelo contrario em sua innocente despreocupação tem um facil e agradável divertimento apanhando e tornando a libertar essas luzinhas, que ora se escondem ora apparecem para logo se tornarem a occultar por entre a escuridão da noite, ou entre as arvores do bosque.

Que são pois essas estrellinhas de fulgores intermitentes, cujas orbitas alcançamos com a vista, e cujo centro são nossas casas ou as arvores do nosso jardim? Chamam-se *Pyrilampos* ou *Vagalumes*, e bem os conhecem os leitores por outros nomes ainda. São insectos voadores e nocturnos, que não é necessario descrever porque todos os haverão visto centenaes de vezes. A femêa do *Pyrilampo*, como se disse no artigo precedente, não vôa, rasteja pela terra e emite uma luz mais viva e brilhante que a do macho.

Segundo o sabio Phipson a substancia luminosa do *Pyrilampo* é um principio azotado, coagulavel, phosphorescente e pouco estavel. A luz resulta da desagregação d'esta substancia chamada *noctilucina*. Esta substancia que dá origem á luz reside em camarasinhas ou cellulass esphericas, situadas principalmente no abdomen do animal. A actividade respiratoria augmenta o brilho da

phosphorescencia. Grande quantidade de filamentos nervosos permitem ao insecto diminuir ou augmentar a intensidade da luz.

*
* * *

Antes de seu completo desenvolvimento pas-sam os insectos por diversas transformações chamadas *metamorphoses*, nas quaes vão apresentando successivamente aspectos tão diversos e accentuados, que se torna impossivel o distinguil-os da forma que revestirão ao attingirem sua ultima perfeição.

Sua reproducção é sexuada e quase sempre ovipara. Ha porem casos, ainda que raros, em que os insectos tem a facultade de procrearem sem o auxilio de união sexual.

Dá-se então a reproducção *parthenogenetica*. Tem logar principalmente no verão em algumas especies dos *Hymenopteros* e *Dipteros*, como *pulgões* e *murilhões*, *philoxeras* e outros. E' esta a razão de sua prodigiosa multiplicação da primavera em deante até fins do outomno. Ha tambem casos em que os insectos dão á luz os filhos vivos. Observa-se com mais frequencia na reproducção *parthenogenetica*, e temos d'isso exemplo na *mosca varejeira* que dá á luz as larvas já vivas.

As evoluções e estadios que percorrem todos os insectos desde que nascem até chegarem a seu completo e total desenvolvimento, não são os mesmos em todos.

Cada especie desenvolve-se d'uma maneira particular. Se nasce ovo, soffre sua primeira transformação convertendo-se em lagarta ou larva. Se porem nasce no estado d'esta ultima, suas evoluções continuam, transformando-se durante semanas e até mezes, de lagarta em *chrysalida*, de *chrysalida* em *nympha*, e emfim em insecto perfeito que rasteja ou vôa segundo a especie a que pertence.

O vôo! E' sem duvida a particularidade mais singular e caracteristica que destingue os insectos, e os assemelha ás avesinhas do céu e lhes dá remate e sua ultima perfeição! Que cousa mais poetica e ideal que o vôo d'um insecto, d'uma mariposa? Quanto nos não deve surpreender e arrebatara nossa admiração o contemplar um vil bichinho librando-se nas azas do vento, elevando-se nas regiões puras do ambiente, e gozar dos suas ves perfumes que se alegram de veigas e prados? E quantas tentativas, mas em vão, não tem feito o homem para conquistar a liberdade d'um insecto que á vontade vagueia pelos ares? Uns cruzam-nos em vôo cerrado com a rapidez da flecha; outros descrevem curvas ou espiraes caprichosas, e outros ajeitam horas inteiras em reduzido espaço. O vôo da borboleta é o mais engraçado e caracteristico. Quasi não vôa, bamboleia, doudeja como uma folha secca caindo ou equilibrando-se duvidosa no ar que a sustenta. Esta é a ultima phase da vida do insecto, a ultima perfeição do mais perfeito e lindo d'entre elles. Eis como a descreve um insigne e notavel escriptor:

«Vêde a borboleta: não é um typo animal, diremos antes que é a floração de um outro animal. A borboleta é uma edade do verme, como a flor é um momento passageiro da planta. Um en-

te mal provido, na apparencia pouco rico de vida e de intellecto, condemnado, a bem dizer, a representar na Natureza tão somente o papel de uma hedionda e mesquinha existencia, a fazer numero e a encher um dos espaços da escala infinita, desperta de subito. O insecto, que até alli rastejava pesadamente, cria azas, torna-se ideal; e sua vida passa a ser toda aerea; aquelle ser todo terra, amassado com soros grosseiros, transforma-se n'um habitante do ar, filho do dia. O que operou esta maravilha? — O amor.

A borboleta é o periodo do amor. Não deve pois, causar-nos espanto quando abre as azas, quando acaricia a flor, á tóa do seu descuidoso capricho. Aos olhos d'ella tudo se affigura ridente, tudo são visões douradas, tudo se envolve n'essa atmosphaera candente que dá ás coisas uma inexprimivel belleza. Ente feliz! Desabrocha, despe a tunica lamacenta; inebria-se no gozo da mais celeste das vidas e depois morre.

Floresce apenas para morrer. Mal estancára a sêde, mal esvasiára a taça do prazer, esta flor sécca e fenece. Bemaventurado insecto! Para elle amar é viver; ter amado é a morte! — Relampago brilhante e fugitivo, flôr de um dia, eu te saúdo, oh insecto querido de Deus, cuja vida encerra em algumas horas os tres momentos divinos: — florir, amar e morrer!» (1)

LUCANUS.



ANEDOTAS

Retratava certo pintor uma senhora, que, posta deante do cavallête do Apelles, poz-se a fazer uma bocca pequenina, muito pequenina, pequenissima. O pintor já um pouco aborrecido diz-lhe: *Oh! minha senhora, faz favor de se não incomodar; se quer pinto-a sem bocca.*

*

E' de inglêz: Morava habitualmente em Paris, certo inglêz. Um dia precisando de ir á Inglaterra, foi-se ter com o senhorio da casa em que morava, e entregando-lhe a chave, pediu-lhe que mandasse abrir, todos os dias, as janellas da casa para que os moveis se não enchessem de bafio.

Uma noite, já a horas velhas, ouve o senhorio um ruido extranho na vivenda do inglêz, que ficava contigua á casa em que habitava. Temeu que fosse ladrões, e pretextando qualquer coisa mandou a creada que passasse as casas onde ouvira barulho.

D'aqui a pouco presenta-se-lhe a creada espavorida e suando mêdos por todos os poros.

— Que é isso?

— Ah! Snr. que está ladrão deitado na cama...

— Valha-te Deus, cabeça!... Isso são illusões tuas.

— Não Snr., que é verdade; até o ouvi resonar.

(1) Renan, *Caliban*.

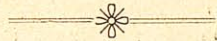
O homem então confirmou-se mais nos seus receios, e, juntando os creados e alguns vizinhos, todos armados de varapaus, dirigem-se, em tumulto, para o quarto do inglêz.

Effectivamente, lá estava um vulto, e tão em paz comsigo e com Deus, que, apesar da inferneira que todos armavam, dormia como um bemaventurado.

— Olá lá, sô patife! Sô ladrão! Mariola! Salte cá para fóra senão morre já aqui.

E o homem dormia... dormia que era um gosto.

Então um dos mais valentes dá dois passos e puxa-lhe da roupa. Descobriu-se um... boneco que o original inglêz deitara na sua propria cama para assustar os ladrões se por acaso lá chegassem.



Culto de Santo Antonio

O Pão de Santo Antonio

BRAGA

Renderam os cofres em *Novembro* e *Dezembro*:

Ouro 2 libras, com o agio 1\$300 réis.	10\$300
Prata em moedas de 500, 1 de 1\$000 e 200 réis do Brazil	106\$300
Notas 1 de 10\$000, 4 de 5\$000, 6 de 2\$500, 14 de 500.	52\$000
Prata miúda em moedas de 200, 100 e 50	65\$100
Moedas de 20 réis	54\$020
» » 10 »	18\$250
» » 5 »	2\$775
Total.	308\$945
Objectos arrematados na Igreja	6\$950
	<hr/>
	315\$895

No mez de *Janeiro* e primeira quinzena de *Fevereiro*:

Petições.	10
Agradecimentos	5
Requerimentos.	8
Prata moedas de 500.	58\$500
» » » 200.	17\$000
» » » 100.	32\$850
Papel.	37\$000
Moedas de 20	40\$040
» » 10.	13\$500
Ouro (4 libras e agio)	19\$920
Moedas de 5.	2\$025
Productos d'arrematações.	4\$450
	<hr/>
	225\$285

Mais um precioso broche d'oiro.

Graças a Santo Antonio

Offereço-vos, meu Santo Antonio, esta pequena oferta que são 1\$500 réis, em recompensa do milagre que vós me fizestes que foi de eu ficar distincta no meu exame.—*M. Alves G. Machado.*

—*Meu milagroso S. Antonio.* — Agradeço o milagre que me fizestes, de me deparares o meu filho de que ha 5 annos não via nem tinha noticias. Continue a proteger-me a mim e a elle; já cumpri a promessa que vos fiz para o pão dos pobresinhos.

Braga 31—1—905. — *M. C. L.*

—*Meu querido Protector.* — Mando-vos para os vossos pobresinhos 3 libras em agradecimento pelo beneficio, que me fizestes. Não deixeis, glorioso Santo, de continuar a proteger-me e a esta casa religiosa, que bem sabeis, muito precisamos.

Recolhimento de Fornos de Sedra 5 de Janeiro de 1905. — *Padre Vicente Alves Pereira.*

GUIMARÃES

Escrevem-nos d'alli :

Meu bom amigo. — Incluso remetto uma nota da ultima distribuição do Pão dos pobres de Santo Antonio dos Milagres, estabelecida na Igreja de S. Francisco d'esta cidade, bem como uma nota desde a sua installação até hoje, para tudo ser publicado se assim o julgar.

Esta nota que remetto, é em vista da sua recommendação que vinha publicada na «Voz de Santo Antonio».

Desejo-lhe saude. E disponha do que é de V. — *José Joaquim Gomes da Silva.*

A commissão do Pão dos Pobres de Santo Antonio, erecta na V. Ordem 3.^a de S. Francisco presidida pelo Ex.^{mo} Snr. Ministro Augusto Mendes da Cunha, procedeu á abertura das caixas e encontrou as seguintes esmolas :

Prata moedas de 500.	7\$000
» » » 200.	1\$000
Nickel	3\$250
Cobre.	2\$250

	13\$500

N'esta quantia entraram as seguintes esmolas :

De uma devota amiga dos pobrezinhos, 2 razas de centeio que rendeu 1\$500; mais de uma Snr.^a caritativa e devota d'esta instituição 2 razas de milho que renderam 1\$600; esmola por intervenção do Snr. Manoel Joaquim de Oliveira Basto, d'esta cidade, que deu o Ex.^{mo} Snr. Carlos Moreira da Rocha, da Casa da Lage, da freguezia de S. Miguel de Paredes a quantia de 335 réis que estas tres verbas foram entregues por José Joaquim Gomes da Silva, membro da commissão.

Resolvendo distribuir na terça feira proxima dia 17 do corrente 150 boroas de pão a igual numero de pobres, que devidamente preparados o mereçam.

Em nome dos pobresinhos a commissão agradece ás Snr.^{as} Bemfeitoras e Bemfeitores o grande auxilio com que tão caritativamente os soccorrem. E os pobresinhos com suas supplicas agrade-

cerão ao Santo Antonio dos Milagres que elle attenda os pedidos e necessidades dos seus bemfeitores.

Guimarães. — *José Joaquim Gomes da Silva.*

Pão dos pobres de Santo Antonio estabelecido na egreja da Veneravel Ordem 3.^a de S. Francisco, de Guimarães.

Em sessão de Meza de 22 de janeiro de 1900 foi resolvido por proposta do então Ministro d'esta Veneravel Ordem, o exc.^{mo} snr. José Ferreira d'Abreu, e a pedido d'uma commissão de devotos, o estabelecer-se na sua egreja, a santa instituição do Pão dos Pobres de Santo Antonio e em sessão de 5 d'abril do mesmo anno foi resolvido nomear-se uma commissão para tratar d'essa distribuição, a qual ficou composta dos snrs. José Ferreira d'Abreu, Ministro da Ordem, Rodrigo José Leite Dias secretario, Jeronymo Antonio Felix, syndico do hospital, José Joaquim Gomes da Silva, um dos mais devotados athletas d'esta santa instituição e Manoel Joaquim d'Oliveira Bastos.

Eis o inicio d'uma bella ideia e d'um nobre e incomparavel pensamento, o que é exercer a caridade Christã, soccorrendo os desprotegidos da sorte.

Os dados estatisticos que abaixo se descrevem bem demonstram que não foi proficua tam sublimemente a ideia, pois desde o seu principio até hoje já se fizeram 30 distribuições com 5:753 boroas ! Bello, surprehendente !

Bem haja a commissão iniciadora e bem haja quem tão devotamente a sustenta.

As distribuições são sempre precedidas de missa resada no altar do Padroeiro, communhão e algumas vezes de pratica adequada ao acto.

Eis o balancete.

Receita

1900 Maio 6, Esmolas na caixa	14\$240
Junho 10 » » »	18\$600
» 20 » » »	16\$800
Julho 4 » » »	12\$455
» 31 » » »	8\$000
Setembro 27 » » »	14\$000
» 28 » (entr. do Ministro).	1\$500
Dezembro 3 » » » »	37\$800
» 31 » » » »	12\$450
1901 Março 13 » » » »	23\$400
Abril 22 » » » »	14\$800
Junho 9 » » » »	13\$510
Julho 28 » » » »	16\$800
Setembro 23 » » » »	15\$800
Dezembro 3 » » » »	32\$950
1902 Fev. ^o 10 » » » »	22\$580
Abril 21 » » » »	22\$850
Junho 9 » » » »	9\$800
Julho 28 » » » »	29\$000
Outubro 20 » » » »	23\$300
Dezembro 10 » » » »	10\$100
1903 Fev. ^o 12 » » » »	17\$300
Abril 23 » » » »	17\$075
Junho 5 » » » »	10\$800
Julho 24 » » » »	20\$160
Setembro 13 » » » »	15\$300
Novembro 26 » » » »	16\$500

1904 Fev.º	»	»	»	»	26\$100
Março 21	»	»	»	»	11\$150
Abril 26	»	»	»	»	7\$500
Junho 20	»	»	»	»	13\$500
Novembro 7	»	»	»	»	33\$300
1905 Janeiro 9	»	»	»	»	13\$500

Receita total 572\$950

Despeza

1900 Abril 20, Instalação	5\$445
Abril 29, 228 borôas distribuidas	22\$800
Junho 13, 190 »	19\$000
Agosto 2, 220 »	22\$000
Outubro 4, 220 »	19\$800
Dezembro 8, 200 »	18\$000
1901 Jan. 6, 200 »	18\$000
Março 18, 205 »	20\$500
Abril 29, 200 »	20\$000
Junho 13, 200 »	20\$000
Agosto 2, 160 »	16\$000
Outubro 4, 200 »	20\$000
Dezembro 8 200 »	20\$000
1902 Março 3, 200 »	20\$000
Abril 29, 200 »	20\$000
Junho 13, 200 »	20\$000
Agosto 2, 210 »	21\$000
Novembro 3, 200 »	20\$000
Dezemb. 27, 200 »	20\$000
1903 Fev. 27, 150 »	15\$000
Abril 29, 150 »	15\$000
Junho 13, 150 »	15\$000
Agosto 2, 180 »	18\$000
Setemb. 18, 200 »	15\$000
Dezembro 1, 200 »	16\$000
1904 Fev. 11, 200 »	16\$000
Março 29, 200 »	18\$000
Abril 29, 200 »	16\$000
Junho 23, 200 »	16\$000
Novemb 11, 190 »	19\$000
1905 Jan. 17, 150 »	15\$000
Custo de Ramos para o altar	2\$000
Saldo da caixa	14\$405
	<hr/>
	572\$960

Recapitulação

Despezas d'Instalação	5\$445
Ramos	2\$000
5753 borôas	551\$100
Em caixa	14\$405
	<hr/>
	572\$950

Guimarães 18 de Janeiro de 1905.

BARCELLOS

Lê-se na *Palavra* de 25 de Fevereiro :

«Na cidade de Toulon, uma obscura merceceira, crente e piedosa, Luiza Bouffler, apesar de empregar sérias diligencias, não conseguiu abrir a porta do seu modesto estabelecimento. A seu pedido, redobrou de esforços e diligencias um serralheiro, sempre com infructifero resultado.

Então, a snr.^a Bouffler, com a pureza da sua fé, com a santidade das suas crenças e com affectos lidimos e fervorosos, recorre á protecção de Santo Antonio, promettendo dar aos pobres, em

sua honra, alguns kilos de pão, se a porta fosse aberta, sem arrombamento.

O milagre operou-se e a promessa cumpriu-se.

O exemplo de tão piedosa senhora teve innumeros imitadores, e as petições e as acções de graças a Santo Antonio succediam-se incessantemente, e um grande numero de pobres recebia, com o coração a trasbordar de immensa alegria, a esmola do pão, que lhes ia mitigar as penurias da vida e matar a fome e orvalhar de consolações um negro cortejo de tristes miserias.

E' esta a origem da «Obra do Pão dos Pobres de Santo Antonio».

E com que lisongeiros resultados, e com que admiravel exito se não tem desenvolvido e ramificado tão santa instituição, sempre florescente, sempre prodigiosamente sustentada e pasmosamente augmentada !

Effeitos manifestos da protecção desvelada do rhaumaturgo portuguez !

Depois de Toulon, a «Obra do Pão dos Pobres» surgiu, como por encanto e providencialmente, nas principaes cidades da França, da Italia, de Portugal, da Hespanha, da Belgica, no Brazil, em todas as cinco partes do mundo, podendo em verdade dizer se que não ha diocese do mundo catholico que não abrigue tão carinhosa instituição.

N'esta villa tambem ella não ficou esquecida. Com os mais excellentes auspicios, foi ella aqui solemnemente implantada, no templo da Ordem Terceira de S. Francisco, no dia 13 de novembro do anno findo, com sermão pelo rev. Agostinho Motta, de Montariol, e com a assistencia do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz, que celebrou o santo sacrificio da missa e benzeu as cem primeiras borôas. D'estas cem borôas, trinta foram pagas pelo Definitorio e setenta pelo benemerito conselheiro Mgr. Domingos José de Souza, coração aberto a todos os soffreres e a todas as desgraças, prompto sempre a enxugar as lagrimas da indigencia.

Desde então, como tem sido maravilhoso o progredir d'esta santa instituição, aquecida pela flamma incandescente da caridade e amparada e sustida e coberta com o roçagante manto da protecção de Santo Antonio !

Quantos pobresinhos não tem sido soccorridos por esta divina obra que, ao mesmo tempo que mata a fome corporal, leva a resignação a tantos desalentos e a tantos corações, a paz a tantos lares e a tantas familias, o agasalho ás mais cruas miserias e o conforto ás mais negras desgraças.

Com mais eloquencia e d'um modo bem mais persuasivo, fallam os factos, em sua frisante simplicidade. São elles que nos levam á intima convicção de que esta benefica e caritativa obra é singular e providencialmente sustentada, causando verdadeiro assombro como as quantiosas sommas precisas para a compra do pão, apparecem e augmentam, em um crescendo consolador.

Eis uma nota — para comprovar esta affirmativa — do rendimento das esmolas, petições, agradecimentos e distribuição do pão, desde a sua instituição.

Em 13 de dezembro do anno findo, foi aberto o cofre ; continha 10\$710 réis em dinheiro, 2 requerimentos, 15 petições e 3 agradecimentos.

Em 13 de janeiro do anno corrente, foi aberto de novo o cofre; continha 14\$825 réis em dinheiro e 5 petições.

Em 13 de fevereiro, foi aberto o cofre pela terceira vez; continha 18\$455 réis em dinheiro, 9 petições e 6 agradecimentos.

Total do dinheiro encontrado em cofre, réis 44\$090.

Em 14 de dezembro, foi feita a segunda distribuição; foi de 60 borôas, havendo missa cantada antes da distribuição.

Em 24 de dezembro, foi feita a terceira distribuição, 214 borôas, havendo, antes da distribuição, missa cantada com assistencia de todo o clero da villa.

Em 14 de janeiro, foi feita a quarta distribuição; 84 borôas, havendo missa resada antes da distribuição.

Em 14 de fevereiro, foi feita a quinta distribuição; 100 borôas, havendo missa rezada antes da distribuição.

Total de borôas distribuidas, 558.

Como é consolador este movimento, crescendo progressivamente e dando nos a bem fundada esperança de que não morrerá tão sympathica instituição!

Quantas bençãos não teem descido do ceu por sobre os generosos bemfeitores d'esta obra, que tantas penurias allivia e tantas chagas cicatriza e tanta pobreza alegre e tanta miseria balsamina!

Quantas vezes os pobresinhos, com a alma agradecida e o coração exultante de satisfação, aos pés do seu inelyto Protector, não terão pedido ferventemente, com os olhos rasos de lagrimas, pelos que se não esquecem d'esta santa instituição, de altos beneficios materiaes, sociaes e moraes!

Bem hajam todos — os protegidos e os protectores!

A *Obra do Pão dos Pobres* não acaba em Barcellos.

Os mais rasgados louvores cabem ao nosso presado amigo rev. Augusto José da Cunha, que tão dedicadamente se tem entregado a fomentar e desenvolver, afincadamente e com zelo inexcedível, o progresso de tão benéfica instituição.

Graças a Santo Antonio

— *Milagroso Santo Antonio*. — Eu vos agradeço a graça que me fizestes de me apparecerem os Papeis que me faziam grande falta. — *Vossa infima devota*.

— *Meu glorioso Santo Antonio*. — Envio-vos essa esmolinha para o pão dos vossos pobres. Se me auxiliardes com mais uma esmolinha de saude, promettô-vos a mesma esmola para o pão do mez seguinte.

Não vos esqueçaes do favor que vos peço, que eu tambem me não esquecerei de vós.

Uma devota. — *E*.

— *O' meu padre glorioso Santo Antonio*. — Muito vos agradeço o milagre que me fizestes; já cumpri a promessa que vos tinha promettido para ajuda do pão dos vossos pobres.

TORRES VEDRAS

No dia 19 de fevereiro foram distribuidas aos

pobresinhos, na Igreja de S. Thiago da villa de Torres Vedras, 450 pães, celebrando a missa o R. Padre Pio Sobreiro, Capellão da igreja, e fazendo a pratica o R. Padre José da Mãe de Deus e Silva. Abertos os cofres n'esse mesmo dia foram encontradas as seguintes esmolas:

Papel	2\$500
Prata	16\$300
Cobre	2\$255

	21\$055

De diversas partes:

Peço desculpa a V. Ex.^a do incommodo, mas tomo a liberdade d'enviar um vale de 2\$250 réis que se dignará V. Ex.^a applicar para o pão dos pobresinhos do «Meu querido Santo Antonio». Penhorado agradeço. — *Antonio Lima*.

— *Meu glorioso Santo Antonio*. — Agradeço-vos, profundamente reconhecida a graça que obtive do Coração de Jesus, de melhorar minha tia. Envio-vos essa pequena esmola para os vossos pobrezinhos. Peço continueis a proteger-me. Barcellos 1—2—905 — *Vossa devota*.

— Remetto n'esta data em valle do correio 1\$000 réis para o pão de Santo Antonio. Esmolas offerecidas por intercessão do nosso Santo portuguez. — *Antonio Augusto da Silva*.

— Fui incumbido pela Sr.^a Maria Izabel da Encarnação, d'esta cidade, de remetter para o pão de Santo Antonio, a quantia de 5\$000 réis, o que hoje faço, em cumprimento de promessa feita e graças recebidas. — Rabo de Peixe (Açores). — *Antonio Augusto de Souza Vasconcellos*.

— *Meu glorioso S. Antonio!* — Eu vos dou infinitas graças pela mercê que acabaes de conceder-me, e em agradecimento dou vos para os vossos pobrezinhos 1\$250 réis, como vos tinha promettido.

Vosso humilde servo sempre agradecido. — *Manoel de Medeiros Moniz*.

— *Meu glorioso Santo Antonio*. — Venho agradecer-vos muito reconhecida a graça que me concedestes. São innumeraveis os favores que de Vós tenho recebido sempre. Continuae a proteger me meu poderoso protector. Envio a quantia de 50000 que prometti para o pão dos vossos pobrezinhos. — *C. R. de A.*

— Apparecendo me um incommodo de mau character, fiz um voto a Santo Antonio, que eu mandaria publicar o milagre e dar 50\$000 réis. E como fui attendida venho hoje cumprir o meu voto de agradecimento.

Santo Antonio da Cachoeira 27 de Dezembro de 1904. — (S. Paulo, Brazil). — *Anna Carolina Novaes Lopes*.

— Para os pobres do Thaumaturgo Portuguez, do seu amado S. Antonio de Lisboa, por uma assignalada graça que lhe obteve, alem de muitas outras que de seu valioso potrocínio espera dever-lhe, offerece 1\$500 réis, de todos os seus devotos o que menos o merece. — *Um devoto de S. Antonio*.

— Do R. Padre José Bernardo Alberto da Rocha 500 réis. — Feira — Lames.

— De uma devota de S. Antonio por graças recebidas 4\$500 réis. — Shanghai (China).

— Afazeres me tem prohibido de participar a

V. Rev.^{ma} que graças ao nosso S. Antonio fundamos em a nossa Igreja da Mouraria com toda a solemnidade no dia 1.º de Novembro de 1904 a grandiosa Obra da «Pia União de S. Antonio» — liceia que nos foi concedida pelo Rev.^{mo} Superior de S. Paulo e com approvação do nosso Amado Arcebispo. — O acto foi tocante. N'este dia 1.ª terça-feira de novembro houve missa e comunhão geral (cerca de 150) a missa acompanhada de canticos pelo nosso modesto côro de associados (13 figuras), á tarde houve pratica pelo Director Frei Fortunato (capuchinho) explicando o fim da Pia União, e suas vantagens, após foi pelo mesmo distribuido por cada associado (158) a patente, e o regulamento (livro da grandiosa obra de S. Antonio), eram auxiliados por 10 zeladoras e 10 zeladores todos com suas insignias — (fita branca e medalha de S. Antonio). Pretendiamos distribuir tambem a Cruz de S. Antonio, porém não nos foi possivel porque a encomenda que fizemos para a Italia não chegou a tempo, o que faremos se Deus quizer em o mez de junho pela festa. Após este acto o Rev. Director deu a Benção do SS Sacramento finalizando assim a modesta festa da fundação da Pia União — que a S. Liga de S. Antonio já praticava porém sem as graças concedidas aos Centros da Pia União canonicamente fundados.

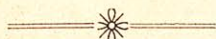
A Obra do Pão dos pobres obra principal da Pia União continua regularmente subindo até novembro passado a 55 — o numero dos pobres matriculados cuja distribuição continua a ser feita após a missa aos domingos.

Folgo pois de levar ao conhecimento de V. Rev.^{ma} este sublime facto, e peço que não esqueça de em suas orações pedir pelos associados da S. Liga e Pia União da Mouraria enviando sua paternal Benção.

Com respeito e acatamento

Sou humilde servo em S. Antonio

Pedro Dantas Pereira.



Secção scientifico litteraria

O LIBERALISMO

IV

O liberalismo economico

DA ordem philosophica á ordem social, bem como d'esta á economica vae um curto passo de permeio.

Assaltadas aquellas pelas theorias socialistas, entrava esta no primeiro periodo do contagio. O *liberalismo economico* esca-

lou esta ultima cidadella, fascinado pelo deus que lhe sorria em sonho, pelo tintar do ouro.

Este erro, ou antes, este novo aspecto do liberalismo, não é mais que a applicação da these da *liberdade* — faculdade de seguir os instinctos sem a entrave da lei — á ordem economica: independencia absoluta na ordem economica de toda a lei civil ou moral e da Igreja, ou mesmo, — a secularização da industria, do commercio e do trabalho.

«O liberalismo economico, escreveu o R. P. Antoine no seu *Cours d'economie sociale*, proclama na ordem dos interesses o grande postulado da *liberdade*, tão querido dos liberaes de todas as côres. . . Todos os males provêm das coarctações da liberdade, dessa faculdade mestra e regente do universo. A liberdade desvencilhada de entraves é o maior, e o mais poderoso, o unico elemento do progresso, da harmonia e da paz social. A concorrência livre é uma lei providencial de harmonia entre as varias classes da sociedade», affirmam os liberaes desta escola.

Sobre tres bases se firma esta doutrina: o interesse é o mobil unico da actividade humana, noutros termos o egoismo é a lei do mundo activo: a livre concorrência é um manancial perene de fecundidade e prosperidade: as leis naturaes estabelecem por si mesmas a harmonia social e a religião, a moral e a legislação, são inuteis.

Taes foram as crenças affirmadas pelos physiocratas: Quesnay, Dupont de Nemour, Mercier de la Rivière, Morellet, Mirabeau, Tourgot; pela escola ingleza: Adam Smith, Malthus, Ricardo, Stuart-Mill; pela escola franceza: J. B. Say, Bastiat, Rossi, Cherbulier.

Estes principios de liberdade independente da justiça e da moral, foram ainda pugnados intransegamente por J. Garnier, M. de Molinari, M. Frédéric Passy, Yves Guyot; e moderadamente por M. M. Lévasséur, Baudrillard, Leroy-Beaudieu, Jules Rambaud e Avenel.

«As sociedades escreveu M. Leroy-Beaudieu são regidas por leis naturaes, boas e impugnaveis. Deixae pois o individuo entregue a si mesmo, ao seu egoismo, poderoso motor da sua actividade, principio de sua conservação e vereis como o leva ao ceu da felicidade por caminhos seguros, fa-

ceis, e curtos. Para isto outorgae-lhe a maxima, toda a liberdade. Nem prescripções, nem travas ou tutellas. Cortae todos os obstaculos e a ordem verdadeira se estabelecerá».

Na *Revue des Deux-Mondes*, escreveu M. Arthur des Jardins em 1894: «O mais facil e sabio é deixar á liberdade o encargo de corrigir os seus proprios males».

Frédéric Passy acrescentou: «() meio mais viavel e seguro de resolver a questão social é dar campo á liberdade que, repitto com Bastiat, é o nosso despertador, o nosso motor, remuneradôr, o nosso vingadôr».

M. Jos. Garnier adeantou:

«Em materia economica a justiça provem da acção livre, da prestação e da postulação individual».

Quizeram dizer-nos os citados auctores: prosterguem-se as leis da justiça, da moral, da boa harmonia entre os homens que trabalham e produzem: o interesse, a luta pela vida, eis tudo. O estado que seja um simples expectador destes combates heróicos dos egoistas, garantindo a todo o lidador a independencia do trabalho, e então a harmonia social evidenciar-se-á em caudaes de riqueza e de paz.

M. Yves Guzot atreveu-se a dizer que a sciencia economica é immoral em si mesma; pelo menos *amoral*».

Concebem-se as desastrosas consequencias deste deprovado systema para a sociedade do futuro.

E nós lamentamos hodiernamente essas injustiças, essas infamias que esmagam os humildes, os fracos, as pequenas industrias, a classe operaria, a classe feminina e as creanças, os *pequeninos* emfim do commercio, da industria e do trabalho. Quem poderia contar a hecatombe dos organismos que este tirano inutilizou, as consciencias que depravou, as almas que victimou durante o seculo XIX? O rapido progredir da mecanica veio multiplicar infinitamente as suas victimas.

Mgr. Kelteler, bispo de Mayence coroou-se de eterna gloria na batalha que deu em 1848 a este erro perverso.

Mais porem conquistou Leão XIII atacando-o ousadamente frente a frente com energia nada inferior á de seu illustre predecessor na derrota dada ao liberalismo social. Um e outro arrostaram com as ousadas revoltas de muitos catholicos que de-

ram as mãos aos adversarios da fé catholica, n'esta campanha.

O plano geral do sabio Pontifice contra o liberalismo economico baseava-se na morte á *liberdade absoluta*. Este idolo levantado no campo dos principios de verdade de ordem philosophica, dos de justiça na ordem economica, dos de religião e moral na ordem social, este idolo que recebia as oblações e cultos do orgulho, da ambição e da volupia não podia estar por mais tempo, devia derrubar-se e aos golpes certos da logica de Leão XIII foi lascando o soberbo monstro da liberdade humana e os pedaços já se amontoam no solo, fazendo-lhe pedestal.

Cada papa tem a sua missão, ou o que é o mesmo, cada papa tem a sua luta.

Pio IX preocupado com o liberalismo social, não fez mais que duas allusões ao liberalismo economico. Uma na encyclica *Quanta Cura* em que entrevia as suas consequencias:

«Quem não vê que uma sociedade que sacode o jugo da religião e da verdadeira justiça, não pode mirar a outro alvo que não seja o entezourar riquezas com a unica regra de uma sede ardente e insaciavel de prazeres?»

Outra na condemnação da vigesima setima proposição do *Syllabus*.

«Os sagrados ministros da Igreja e o Romano Pontifice devem ser excluidos de toda a questão e auctoridade ácerca das cousas temporaes».

A luta porem braço a braço com o *liberalismo economico* reservou-a a Providencia para Leão XIII. A encyclica *Rerum Novarum* foi uma descarga certa, de morte, no inimigo. Nella trata a questão, *mais ampla e explicitamente*, como um *dever do seu munus apostolico*.

Depois de afirmar que se occupa do assumpto *confiadamente* e *com toda a plenitude de seu direito* denuncia afoitamente os tres abominaveis effeitos de um seculo de liberalismo economico: o Pauperismo, o Capitalismo e o Socialismo.

«As *classes inferiores* encontram-se n'um estado immerecido de infortunio e de miseria. A multidão é indigente».

Eis denunciado o pauperismo, e não a pobreza.

«A affluencia da riqueza corre pelas mãos de um pequeno numero». O mono-

polio da industria e do commercio é privilegio de uns poucos de ricos e opulentos que impõem um jugo intoleravel á multidão, quasi infinita, dos proletarios. De uma parte a omnipotencia dos opulentos que senhores absolutos da industria e do commercio desviam a seu bel-prazer o curso das riquezas e fazem correr em seu favor os seus caudais perenes».

Eis denunciado o capitalismo e não o capital.

«Para curar estes males recorreram ao odio e á inveja e apregoaram a supressão da propiedade dos bens particulares».

Eis denunciado o socialismo.

Do extremo da cubiça, da monopolização, passaram ou do saque da propiedade. O remedio nascera da consciencia do mal e sua perversidade, mas era tão funesto ou mais que elle.

Que remedio oppôr-lhe?

Convem notar antes de tudo que o livre exame em questões de religião, as liberdades modernas em politica, a absoluta liberdade do trabalho e do contrato em economia, são tres rebentos da mesma raiz; para ser completo o triumpho é necessario desarrigar esta — a liberdade, a independencia absoluta.

Se cortamos um tronco só, dois até, a seiva vae alimentar exuberantemente o terceiro, e o liberalismo desterrado de uma ordem social refugiava-se mais valentemente noutra.

Este combate seria negativo mas necessario. Para a victoria ser decisiva é necessario fazer pontaria direita ao idolo da liberdade economica e substitui-o pela justiça social, pela organização, legislação social e pela caridade.

A justiça social deve ser o primeiro tiro sobre o inimigo.

As sociedades civis assentam sobre a justiça e não sobre a liberdade; o seu fim primario é o reinado d'aquella, secundario o d'esta. A liberdade é um meio, a justiça um fim. Proposta á sociedade civil uma questão qualquer, aquella começará por interrogar se ella é justa depois se é livre.

Quantas vezes se não ouve na praça da imprensa o pregão dos vendilhões da liberdade: Liberdade de trabalho! liberdade de contracto! liberdade de riqueza!

A estes regateirões que respondam os

jornaes catholicos: justiça no trabalho! justiça no contracto! justiça na aquisição e uso das riquezas.

Depois da justiça social a *organização*.

Abandonar a classe desorganizada perante a usura dos poderosos, é deixar o campo livre ao cemitismo, aos exploradores usurarios de todas as classes e escolas, cuja ambição crescerá, n'uma embriaguez de ouro, com o isolamento systematico e calculado em detrimento e com violação da justiça, desde o momento que a exploração do fraco, do pequeno industrial, lhes seja vantajosa.

«O ultimo seculo passado, escreveu Leão XIII, arruinou as antigas corporações protectoras dos operarios, sem as substituir. Viu-se então aquelle isolado, sem defeza, entregue á mercê de patrões deshumanos, confiados á cubiça de uma concurrencia desenfreada.»

Organizar honesta e profissionalmente as classes operarias, é reconstruir as antigas corporações de protecção operaria, é pôr o operario ao abrigo da prepotencia tiranna do trabalho — do capitalismo.

Mas a *organização* não pôde estabelecer-se perdurar sem a *legislação*.

E' necessario curtar abusos inveterados, tanto mais difficeis de arrancar quanto mais arraigados nos poderosos; só a imposição da lei pôde assegurar um futuro de justiça social.

O homem honesto, de consciencia e probidade encontra-se hodiernamente n'um estado inferior aos dos seus rivaes; se a lei não o vem apoiar no ideal de justas reformas que lhe impõem a consciencia do dever, recolhe-se ao indifferentismo apathico, tão desastroso n'esta questão.

E não é immoral, um crime publico, deixar sem sancção legal a probidade e a consciencia dos homens dignos da nação?

Vindo em auxilio dos direitos dos cidadãos, dos operarios, o Estado cumpre os deveres que a Philosophia Christã sempre lhe outorgou: segundo os doutores, os sabios, os philosophos do Christianismo, o Estado não é um despota de terror, nem um impassivel expectador do liberalismo, mas sim o zelador do direito e promotor do bem: *custos justis et promotor boni*.

Leão XIII o disse claramente.

«Entre os muitos e graves deveres dos governos que aspiram, como é digno e



GRUPO DE ANJOS NAS FESTAS DA IMMACULADA, NA MISSÃO FRANCISCANA DA BEIRA
(AFRICA ORIENTAL)

conveniente, á protecção do bem commum, destaca-se de todos o egual desvelo por todas as classes sociaes observando rigorosamente as leis da justiça distributiva. E a equidade exige que o Estado se preocupe com os cidadãos do trabalho e que em

recompensa de todos os bens que elles accumulam para a sociedade nacional, pense na habitação e no vestir d'estes, de fórma que vivam com menos pennas e privações.»

A legislação nacional justa e oportuna

na é não só uma reparação de erros passados, exigida pela justiça, mas um golpe formidável no falso conceito que o liberalismo se formou do funcionamento do Estado.

A sanção da sociedade não era completa sem ajuntar ao tratamento o remédio mais poderoso — a caridade christã — novo principio que Jesus Christo veio unir aos motores da actividade humana para os aperfeiçoar.

O cidadão movido pela caridade passa além dos limites da fria justiça social, até chegar á amizade, até mesmo ao amor fraternal.

Se esta divina chamma se não apagasse no coração dos opulentos, não presenciariamos os dolorosos contrastes dos famintos do albergue com os fartos dos palacios; dos vagabundos rotos das ruas com os distraídos dos teatros e cafés.

Ao interesse pessoal da liberdade economica, a religião oppõe a caridade, a fraternidade christã.

Resumindo. O liberalismo proclama, como termos sagrados seus, a Liberdade, o Isolamento, o Interesse pessoal, a Indifferença do Estado, que lhe dão fundamento, o catholicismo oppõe á liberdade a justiça, ao isolamento a organização, ao Estado indifferente um governo zelador da justiça, vingador do direito, promotor do bem e legislador das reformas sociaes; ao interesse pessoal a caridade christã.

Notemos antes de concluir, que estes remedios formam uma medicação; administrados disjuntivamente não combaterão o mal.

O combate deve travar-se simultaneamente nos campos da sociedade assaltados pela liberdade independente, combates parciaes não farão mais que entreter o inimigo.

Que todos os catholicos fallem, escrevam, trabalhem n'esta campanha, declarada aberta e denodadamente por Leão XIII, e o socialismo passará das classes sociaes para as paginas da historia: será um termo scientifico.



As nossas illustrações

Monsenhor Conego Antonio Maria Ferreira
— Protonotario Apostolico «ad instar» e
Vigario Capitular da Diocese Açoriana.

Honramos hoje a nossa humilde revista

com o retrato e a Provisão do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Vigario Capitular da Diocese dos Açores, em que se digna louvar e abençoar a *Voz de Santo Antonio*.

Ninguem ha que não conheça este benemerito, erudito e zeloso sacerdote que tanto bem tem feito á causa catholica já com a sua penna de polemista distincto, já com a sua palavra de inspirado orador e com o seu exemplo de verdadeiro e apostolico missionario e ultimamente com o seu acertado e prudente criterio no espinhoso munus de Vigario Capitular.

Formado na escola austera do sempre lembrado Senhor D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, um dos Prelados que mais beneficios soube dispensar á vasta diocese dos Açores, Monsenhor Conego Ferreira tem sabido guardar e seguir os ensinamentos do santo Prelado e sempre com dignidade de nobreza, de character e firmeza de verdadeiro crente.

Se fossem precisas provas bastaria lembrar o jornal *O Catholico* que Sua Exc.^a fundou em 1875 ou o *Peregrino de Lourdes* que appareceu em 1886 substituindo *O Catholico* e que ainda hoje se publica em Angra.

Grandes foram as polemicas a sustentar quer no *Catholico* quer no *Peregrino de Lourdes*, mas o triumpho foi sempre do illustre Monsenhor Conego Ferreira.

Dessas polemicas destacam-se duas — que julgo serem as mais gloriosas — a primeira sobre o dogma da Immaculada Conceição — a segunda sobre a origem da vida em 1893 com o Reitor do Lyceu d'Angra.

Renhidas uma e outra — mas em ambas alcançando victoria e mostrando quam vasta e sã é a sua erudição.

A ultima polemica acha-se em volume n'uma bella brochura de xxiii — 408 paginas — merecendo então justos elogios do *Correio Nacional* de Lisboa, da *Ordem* de Coimbra, da *Palavra* do Porto e em Hespanha do *Il siglo futuro* e do *Movimiento Catholico*.

Monsenhor Conego Ferreira tem tambem o seu nome ligado já como iniciador, já como protector á entrada nos Açores d'algumas benemeritas congregações que tanto bem alli estão fazendo.

Tudo isto e muito mais que a sua modestia sabe occultar tem-lhe merecido a estima, consideração e mesmo veneração do povo açoriano.

Justissima pois a eleição que o illustrissimo Cabido de Angra fez nomeando Monsenhor Conego Ferreira, Vigario Capitular.

Como Sua Exc.^a tem desempenhado este honroso mas espinhoso cargo, está a testemunhal-o o *Boletim* ecclesiastico da diocese angrense e o contentamento geral do bom e piedoso povo açoriano.

Tanto merito esperamos, que bem cêdo será premiado pela Santa Sé e governo de Sua Magestade collocando o illustre Vigario Capitular na pleiade distincta do nosso venerando episcopado.

.....

Não são traços biographicos o que escrevemos, *corrente calamo*, mas uma simples nota como *explicação do retrato* de Monsenhor Conego Ferreira.

Este retrato é uma recordação do Pontifical celebrado na grande festa jubilar no Seminario d'Angra do Heroismo, em 31 de dezembro de 1904.

Foi a amizade d'um grupo de amigos de Monsenhor que o *obrigou* a photographar-se quando se dirigia para o Pontifical.

Foi uma bella lembrança e que nada tem que offenda a proverbial modestia do Monsenhor pois por um decreto da Sagrada Congregação dos Ritos de março de 1904 é permittido aos Protonotarios levar annel e cruz sobre o mantelete quando vão para o Pontifical.

Monumento Commemorativo da Immaculada Conceição. — Portugal não foi a ultima na celebração das festas jubilares da sua Immaculada Padroeira; em poucos reinos, em nenhum talvez, attingiram um esplendor como aqui no reino da Immaculada, na Terra de Santa Maria. Para provar ao mundo catholico que a devoção á Mãe Immaculada de Jesus, á nossa portugueza *Senhora da Conceição* andou sempre casada ao amor da patria no coração de cada rei e de cada vassallo lusitanos, Portugal vae crystalizar, n'um monumento grandioso, n'uma epopeia de marmore e granito a sua crença seis vezes secular n'esse privilegio o mais querido da Virgem.

O genial architecto, o snr. Evaristo Gomes, concentrando todos os fulgores do seu genio na elaboração da magestosa planta d'este monumento nacional, cuja *perspectiva, fachada e vista lado sul* publicamos, mostrou eloquentemente que era tambem por-

tuguez, n'esta crença sempre antiga e sempre de hoje no reino da Senhora da Conceição.

N'este monumento será levantado um riquissimo altar, o do Santissimo, pelo clero portuguez, que deseja que a sua devoção crença e amor para com Maria Immaculada resalte, de entre o conjuncto artistico d'este templo nacional. Para esse fim já começaram a organizar a convite do Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha, commissões diocesanas.

A'imitação do clero portuguez ficava muito bem á sciencia catholica do nosso reino deixar ali tambem uma lembrança da sua addesão á Immaculada, a *Sede da Sabedoria* a quem os laureados da nossa universidade juravam fidelidade na defeza da sua conceição immaculada. Esta lembrança pertence aos doutores catholicos.

Aproveitamos a occasião para agradecer penhoradissimos ao Exc.^{mo} Mgr. Dr. Conego Francisco Xavier da Cunha a inesperada offerta das tres chapas relativas a este monumento, que depois de varias tentativas ainda não tinhamos conseguido publicar. S. Antonio que de certo inspirou a S. Exc.^a a generosa lembrança de nos pedir com muito empenho a graça de lhe aceitarmos um favor tão grande, se digne recompensar-lhe tal benevolencia e gentileza, como lhe ficamos pedindo.

✻

Chronica universal

✻

ROMA

A agitação catholica na Italia — Uma audiencia do Pontifice aos parochos de Italia — Monumento aos soldados pontificios.

E' um facto: cançados d'esta crise social que é o apanagio da epocha hodierna, todos os catholicos aspiram a um estado de renovação perfeita e esperançosa — diluculo risonho que desfaça e apague as sombras que nos envolvem.

E' santa aspiração.

E onde rebentam ideias sãs e proveitosas, não podemos crêr que as paralyse á nascença a geada do indifferentismo.

Descem á liça os grandes pensadores, e preparam o plano do combate. Máscula deve ser a lucta: não ha desdizel-o.

Mas onde é que se architectou um throno sem que o cimentassem o trabalho e a fadiga?

Onde é que alvoreceu uma victoria sem que

se gastassem forças e se desbaratassem energias?
O medo que nos assalta é deshonra que nos avilta se com elle se nos entorpecem os membros.

A nuvem carregar-se-ha de dia para dia; e, se a não rompemos hoje a golpes certos e decisivos, amanhã despejará sobre nós uma batega fulminante e irremediavel.

Escrevemos de Roma, d'este fóco vivo do catholicismo, e impulsionados pelas ideias animadoras que revolteiam nos arraiaes catholicos da Italia.

Farto exemplo ao Portugal fidelissimo apresentam agora os catholicos italianos.

Remexem-se ousados e entusiastas por entre as esferas tão heterogeneas que os rodeiam, e buscam, com todas as forças de que pôdem dispor, abraçar uma nova e anciada reorganisação social.

Conseguir-lo hão? Talvez.

«Emquanto não tivermos em Italia uma liga social como o *Volksverein*, e um centro como a *Zentralstelle* de München-Gladbach, não seremos nem unidos, nem fortes, nem politicos.» São estas as ultimas palavras de um importantissimo artigo, ultimamente escripto em uma das mais auctorizadas revistas catholicas italianas. Acalenta esta revista as mais fagueiras esperanças sobre o movimento catholico moderno, porque a Italia é «o paiz classico do bom senso nas questões praticas da vida.»

Não é um sonho de imaginação febril esta esperança, não.

Os jornaes estrangeiros reconhecem que a Italia caminha para um terreno eminentemente sympathico — a reforma social catholica.

O *Vorwaerts* de Berlim, órgão principe do socialismo germanico, vê que na Italia «a burguezia se lança nos braços do clericalismo, com os receios do socialismo.»

O *Bremer Nachrichten*, (jornal tambem adverso aos principios catholicos e que já conta 126 annos de vida) diz que o partido dos catholicos na Italia, antes de ser uma facção parlamentar, deve tornar-se um *poder* e que já ha encontrado a chave para chegar a este fim.

E accrescento:

«Os catholicos italianos envidam todos os esforços para se constituirem n'um campo de concentração de todas as tendencias sociaes. Querem fundar um officio social central, similhante áquelle que o partido do centro allemão possui em München-Gladbach. Tudo deve ser chamado á cooperação social. *Simplificação, concentração, coordenando tudo a um programma commum*, eis o seu designio.»

E termina:

«Se o centro italiano se propuzer com seriedade e zelo a solução dos problemas sociaes, levará vantagem a todos os outros partidos civis Na Italia, onde a maioria da população é catholica, a realisação d'este ideal é não só theoricamente admissivel, mas praticamente effectivel.»

D'certo que este juizo emitido por intermedio de jornaes insuspeitos, é para profundos commentarios a dentro das nossas trincheiras.

Quando o jornalismo que nos é adverso ou ao menos indifferente, chega a afirmar que os catholicos italianos poderão colher sáture fructo do

movimento que pretendem iniciar, devem-se esvaír por completo os desanimos que, porventura, ainda affrontem alguns espiritos mais timidos ou conservadores.

Recresce a nossa importancia lá nos bastidores da politica adversaria.

E, diga se sem rebuço: o catholicismo é, ainda hoje, no meio das luzes do seculo actual, o obice gigante, o que impede o desmoronamento atroz dos são principios sociaes.

Não precisamos de sahir do limite da nossa chronica para que o provemos.

Olhemos a Italia.

Aqui, o socialismo quer conquistar os tropeus da gloria e dó imperio para a sua theoria absurda.

Arrebanha os desprotegidos da fortuna, ou melhor, os illudidos da fortuna, e faz-lhes vêr através uns primas offuscantes as ideias balôfas que o pejam.

Que succede?

Enleia-se a vista d'aquelles infelizes, que mais não são do que o joguete da desordem nas mãos descarnadas de revolucionarios exaltados.

E lá vão elles ensarilhados na onda ignorante e estolida, arrastados pela isca do eugodo, planeando brilhantes a luzirem-lhe nos dedos, grandezas futuras a adormecerem-lhe no regaço.

Estes homens, que se atropellam nas ideias, porque não se entendem, que venderam a preço ignobil a liberdade e a dignidade, que clamam e berram como as Furias da fabula, são a frecha hervada da revolução contra a integridade do campo social.

Mas em que lhes fazem frente os catholicos com as suas doutrinações e programmas; põem a descoberto a ossada crúa da sua falsa e tresloucada ambição; apresentam nos á multidão como material salitrado que só poderá trazer consigo a ruína e a morte; e aquella, emfim, conhecedora da gravidade das molestas doutrinas, passalhes o libello de repudio—justa recompensa a tão obcecados principios.

E a facção horrivel, o genio socialista, recuam, porque mais lhes não resta.

Isto, leitores, é o que se está passando sob o ceu d'este paiz.

Não são côres de charmariz estas que vêdes nesta tão despretenciosa chronica. São as côres reaes dos factos que se palpam são as phases tristes porque passa a esphera do pensamento hodierno.

Forte e vigorosa unidade no meio catholico; procure-se, pois, formar uma liga de acção.

Fizeram-no a Allemanha catholica e a Belgica. Qué-lo fazer a Italia.

Porque não o fazer Portugal?

A *Civiltá Cattolica* diz que o centro organizado pelos catholicos italianos, não seria logo nos seus germens um grupo politico de caracter determinado.

Agora, o necessario é enveredar «a grande massa do povo pela estrada real e grandiosa da elevação economica e moral atravez da organisação e da unidade.»

Só de futuro é que este movimento poderia assumir uma attitude altaneiramente politica.

Primeiro que tudo fazer comprehender a todos o que é esta engrenagem systematica por que se rege uma e qualquer nação.

Se, sobre este ponto, quizeramos fallar de Portugal, não sabemos como. Ah! o povo é cego; tapam-lhe os olhos e *automatizam*-lhe as mãos.

Os olhos, porque, com uma *lista* na frente, não sabe qual a responsabilidade que lhe pésa sobre os hombros.

As mãos, porque a *urna* attrahe a lista na razão directa do favoritismo e na inversa do quadro das amizades... partidarias.

Mas... não sejamos indiscretos.

Voltando, pois, á historia do movimento social na Italia, chamamos a attenção sobre estas palavras da citada revista italiana:

«Sem sahir de nossa casa, olhem para Bergamo, para vêrmos a importancia da concentração social e a sua efficacia no terreno politico.

Em Bergamo, os catholicos teem nas suas mãos os destinos do conselho provincial e da maior parte dos municipios inclusivé e da cidade.

Nas ultimas eleições politicas correram a primeira vez á urna, depois de estarem seguros da legitimidade d'este acto, e o seu candidato foi eleito no primeiro escrutinio contra o *deputado socialista* proposto.»

E Max Turmann, em um trabalho muito recente sobre a organização de Bergamo, diz que a auctoridade politica dos catholicos foi o premio da sua acção social.

De tudo isto, o que resulta é que o citado critico dos catholicos, n'um paiz qualquer, depende da falta de acção.

Quando a Allemanha estava em mais completo antagonismo com a cathedra de Pedro, foram lançadas as bases da *Zentralstelle*.

Vingou-se, medrou, cresceu, e hoje é exemplo ás nações catholicas... quer de nome, quer de facto.

Teem, pois, razão os catholicos italianos em alimentarem profundas esperanças sobre os resultados do seu *Centro catholico politico*. E' melhor aqui a situação, do que era na Allemanha quando lá a Egreja sentia o peso do Chanceller de Ferro.

Em Portugal tambem ainda não existe um verdadeiro chanceller de ferro.

Poderá havê-los romanticos, com pretensões a futuras celebridades; mas d'esses... *non curat fractor!*

Para terminar:

Instrução religiosa, instituições catholicas, actividade social, tudo subordinado á melhor das legislações — o Evangelho, eis o meio para os catholicos alvejarem o seu fim.

*

Os parochos italianos tiveram a honra de ser recebidos em audiencia commu pelo amavel Pontifice que ora governa a Egreja Universal, offerecendo-lhe por essa occasião um bellissimo e mui artistico tinteiro de prata.

Tem labores allusivos ao dogma da Conceição Immaculada, e as effigies de Pio IX e Pio X.

Sob a effigie de Pio IX tem gravada a seguinte lettra: Pio IX P. M. declarava a definição dogmatica da Immaculada Conceição no anno de 1854. E debaixo da de Pio X: A Pio X P. M. os parochos da Archidiocese de Napoles e varias partes da Italia no anno jubilar de 1904.

*

Foi erecto na basilica de S. João de Latrão o monumento em honra dos soldados pontificios mortos em 1860

E' um primor d'arte.

Sobre o sarcophago ergue-se a figura sublime do Redemptor!

E' a Vida Eterna que paira sobre a lousa funerea da morte!

Nos flancos do sarcophago vêem-se as estatuas da Fé e da Justiça, com os respectivos symbolos.

No centro, os braços de Pio IX.

O monumento é adornado com baixos relevos todos relativos ás luctas de 60.

Na base, um anjo com as azas estendidas e com uma palma e uma corôa n'uma das mãos: na outra sustenta um distico com aquellas solemnes palavras que o venerando Pontifice soltou, lagrimando, na memoravel allocução do Consistorio de 28 de setembro de 1860: *Gloriosam mortem obierunt!*

Dava nos vontade de cotejar este monumento com o que se ergue n'um dos cantões do cemiterio de Roma, alli fora das portas de S. Lourenço.

Este é um monumento á memoria dos soldados que se enfileiravam na milicia do Papa e mortos n'uma batalha anterior a 1860.

Foi levantado pelo governo Pontificio; tem uma inscripção em latim á memoria d'aquelles heroes, e de cujas palavras nos não recordamos.

Depois de 60, o governo italiano collocou n'este mesmo mausoleu e sob a inscripção que já existia, uma lapide cujo contexto não nos lembra por completo, mas que diz, mais ou menos, o seguinte: «Este monumento que Roma theocratica erigiu á memoria de mercenarios estrangeiros, considera-o hoje Roma «*redempta et libera*» como recordação funesta d'aquelles tempos calamitosos»

Engraçado, não acham?

Decerto! como achou o

DR. LUSUS.

PORTUGAL

Diz-se que o *furto não enriquece ninguém* e ao menos em politica, nomeadamente em questões eleitoraes, é verdadeiro o ditado.

Vamos em meio seculo de regime liberal e ainda não demos uma prova de que o somos; digo uma prova pratica da vida nacional moderna. Ainda não houve na epocha de novo regime um facto publico em que o povo mostrasse que, era *soberano*, que escolhesse quem o governasse e se entereçasse por elle. Era nas eleições geraes que o *povo soberano* devia ostentar que o era; pois dizem os velhos que nas primeiras eleições a maioria disputava-se a tiro e cacete; depois veio a epocha dos regateirões dos votos, em que a maioria ficava por contos de réis; mas a politica entrava muito ao fundo da bolsa dos marechaes provincianos, e passou-se á terceira epocha, que é a hodierna — a dos accordos.

Os commandantes eleitoraes de cada circulo recebem as listas dos futuros *paes da patria*, reúnem-se, e determinam o numero de votos —

não de eleitores como nas epochas anteriores — que tem que dar-se a cada um, e depois vão para a urna com menos eleitores que votos ou mesmo dispensam a cerimonia do acto eleitoral, servindo-lhe de urna o chapéu ou a esquivinha do secretario.

Bons tempos os das tinteiradas, dos assaltos nocturnos e roubos da urna que se violava, abria e se voltava a fechar e sellar!... Até um celebre doido de certa terra entendia — a unica coisa talvez — a politica, quando promettia a certo padre á entrada da igreja onde este ia votar.

— O' Sr. padre! se vir que perde, é só ber-rar: — Oh! *Tonho!*... que eu entro, pego na urna e *zaz...* rio com ella.

Agora a amizade politica de braço dado com as conveniencias do rotativismo é que impera; mas como os politicos tambem são homens, surgem aqui ou acolá, desacordos e então o governo *potente* manda auctorizar o roubo, ou desfazer promettidas uniões eleitoraes o que tambem é roubo e não pequeno. Que o digam os nacionalistas de Vizeu, da Madeira e d'outros circulos e os republicanos de Lisboa e Porto.

Apesar dos roubos de que fallamos os nacionalistas alcançaram dois deputados: por Braga por accordo com os progressistas, o que não foi benevolencia do governo, pois como se viu a força nacionalista no circulo de Braga sobrepuja a progressista; outro pela Madeira, mas este então extorquido aos regeneradores.

E contentem-se os nacionalistas. N'uma nação *catholica como a nossa*, ter o partido catholico, abençoado pelo Papa, dois deputados, já não é pouco...

S. Antonio acuda ao catholicismo de certos catholicos portuguezes ou... os sacuda.

Mas o governo não engorda com taes roubos e trapassas. Os boatos insistentes de crise ministerial e de uma recomposição geral o provam.

Para apreçal-a lançaram sobre o chefe progressista accusações compromettedoras, capazes de lançar por terra um hercules, quanto mais um ancião acabrunhado, que se vê na necessidade da ajuda de sua senhora, no manejo da sua pasta. E ser governados por uma *ministra* é que os senhores progressistas não querem com medo que o *progressismo* passe a *feminismo*.

E quem ha de succeder ao actual chefe? Aqui é que está o nó cego, que levará ainda tempo a desatar.

O peor é que a questão dos tabacos e dos phosphoros que deu em terra com o forte e saudavel chefe regenerador, ainda está em labareda e se os bombeiros da politica não as apagam com a recomposição ministerial, pode a fumarada asfixiar a pouca saude do chefe progressista.

Mas a quem não tem outra politica, que não seja a de servir a Deus e o proximo, segundo o programma da igreja, pouco se lhe dá que adoçam os progressistas ou os regeneradores ou ambos. O que importa saber é se elles servem a Deus e á patria; mas o systema liberal se admite Deus em politica, dispensa a religião; motivo porque os nacionalistas andam empenhados em entronar a ambos na vida economica e politica

da nossa patria. Para accelerarem este *desideratum* empenham-se na santa faina de alargar o campo á imprensa catholica; persuadidos que sendo o seu partido o unico que em Portugal tem o nome e programma catholico, o unico que tem a benção e approvação de Rio X, todos os catholicos deviam militar á sombra da sua bandeira: Deus e Patria. E como rasgar novos horizontes á imprensa catholica?

O illustrado escriptor catholico o snr. dr. Abundio da Silva propôs a este respeito uma reunião dos jornalistas catholicos n'uma conferencia onde se resolvessem todos os problemas referentes ao assumpto: a acção catholica pela imprensa.

E' esta proposta uma d'essas resoluções cuja necessidade e urgencia todos reconhecem, mas cuja realização não é das mais faceis. A' testa do catholicismo, do seu andamento e vida pratica estão em cada circumscripção ecclesiastica os prelados, os nossos pastores; tomar regras de vida catholica, adoptar medidas praticas em assumptos de religião sem seu conhecimento e approvação não é seguro proceder. As conclusões tomadas pelos jornalistas catholicos careceriam de auctoridade e sem esta de perenidade. Porque qualquer catholico poderia sempre interrogar-nos: quem vos deu auctoridade para nos mandar preceitos?

Torna-se urgente, por exemplo, extremar o jornalismo catholico.

Não era impossivel; com consentimento dos prelados avisavamos na nossa imprensa catholica que, dentro de certo prazo, os jornaes e publicações periodicas que pretendessem ser reconhecidas como taes, officialmente pela auctoridade competente, o declarassem publicamente. Depois cada prelado na sua diocese declarava aos seus fieis os nomes dos periodicos que reconhecia como catholicos e que tinham sua particular benção.

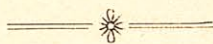
E' verdade que os jornaes que se presam de catholicos obtiveram a benção e approvação de seus pastores e como taes se apresentam na imprensa; mas ha muito cego mental que não tem *intelligencia de intender* este argumento tão natural; e por outra parte a imprensa indifferente ou independente, como se appellidam muitos inimigos nossos, não teriam razão de queixar se.

Este assumpto, bem como tantos outros: como deve portar-se a imprensa catholica com os annuncios dos crimes contra a moralidade publica, de romances e obras não catholicas; se seria opportuno exigir para o annuncio destas que trouxessem a approvação do respectivo prelado; até que ponto possa permittir-se campo ás chronicas theatraes, e se não conviria até eliminar da nossa imprensa esta parte; se em certas localidades seria melhor fundir num ou dois periodicos bem redigidos, as muitas publicações da vida raquitica, e como, nestes e noutros tantos assumptos a conferencia de jornalistas catholicos carece de auctoridade para legislar e tomar resoluções que os catholicos aceitem.

N'uma palavra: é necessario e urgente a reunião dos jornalistas catholicos; mas quem os convoca, e em nome de que auctoridade ecclesiastica se reúnem? Quem sancionará as suas resoluções?

E antes de isto, é necessario saber-se quaes são os jornalistas catholicos, que devam ser convidados para a dita conferencia. Não quererão passar por jornalistas catholicos, muitos catholicos jornalistas, directores ou redactores de certos periodicos ditos sérios e independentes? Esta ultima questão relaciona-se com o que apontamos acima: extremar a nossa imprensa catholica da que o não é.

A «Voz de S. Antonio» applaude a proposta do snr. dr. Abundio da Silva e não faltará com o apoio necessario á sua resolução nas medidas das suas limitadas forças.



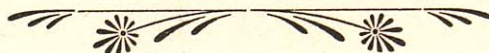
Advertencia

Por segunda vez nos vimos obrigados a retirar duas correspondencias das missões franciscanas portuguezas da Beira e de S. José do Mongué (Inhambane) bem como duas gravuras, allusivas ás festas da Immacula-

da Conceição celebradas na missão portugueza da Beira. Esforçar-nos emos por remediar este atrazo no proximo mez.

Aviso

E'-nos grato noticiar aos nossos amigos, bemfeitores e assignantes e a todos quantos concorrem para o desenvolvimento da nossa Imprensa Antoniana que esta Redacção manda celebrar em todas as primeiras terças-feiras de cada mez uma missa no altar de Santo Antonio por sua intercessão e em suffragio das almas d'aquelles que falleceram durante o mez.



Nucléole et Chromosome — Dans la Méristème Radiculaire do *Solanum tuberosum* et *Phaseolus vulgaris* par Thomaz Martins Mano — Lierre—Typ. de Joseph Van in et C.^{ie}, Grand'place, 38.

E' uma memoria scientifica publicada pelo autor na revista «La Cellule» por incumbencia do celebre professor de sciencias naturaes, Gregoire.

A confiança que este homem de sciencia deposita na erudição e talento do Rev. Padre Thomaz Martins Mano, neste novo ramo de sciencias naturaes, é uma glorificação a mais dos dotes intellectuaes, alem das já obtidas pelos premios ganhos nos exames brilhantes que tem feito na universidade de Lovaina onde o talentoso membro da Associação Missionaria Portugueza está concluindo o curso complicado das sciencias naturaes.

Il Dogma della Immacolata nella gloria Franciscana — Discurso del P. Agostino Molini O. F. M. — Roma, Typographia Salustiana, Via S. Nicola da Tolentino, 4.

Este primoroso discurso recitado pelo autor no «Congresso Mundial Mariano» resume admiravelmente a historia da preparação da definição do dogma incomparavel de Maria.

Diocese do Algarve — Carta Pastoral na Quaresma de 1905. — Faro, Typographia E. Seraphim.

Esta longa e eloquente pastoral de 30 paginas de piedosa doutrina é uma nova prova entre as infinitas do já comprovado zelo episcopal do Ex.^{mo} Prelado daquella diocese.

Relatorio da Conferencia de S. Vicente de Paulo, em Braga, pelo Presidente, Francisco Pinheiro Torres—Braga, Imprensa Henriquina.

O zelo do dignissimo presidente desta instituição de caridade que tantos bens tem feito á pobreza desta cidade — bens physicos e moraes — o sr. Dr. Francisco Pinheiro Torres, que na clinica como na piedade christã e caridade para com os desvalidos tem merecido o nome e a fama de seu fallecido pae, junto com a dedicação dos seus cooperadores nesta empreza sancta da moralisação do pobre, tem-na feito prosperar, n'este seculo de luxo, de capitalismo e de desamor pelos martyres da fome e da ignorancia religiosa. Que S. Antonio, rival de S. Vicente de Paulo em amor pelos pobresinhos, seja um continuo protector dessa obra de caridade christã.

Novas revistas :

Mundo Catholico — Revista Litteraria, Biographica e Illustrada.

Reappareceu esta revista catholica de cujo valor religioso e scientifico já têm noticia os catholicos portuguezes que tiveram a dita de apreciar a leitura dos primeiros annos de sua publicação.

E' seu director o conhecido escriptor catholico Gomes dos Santos e seu redactor effectivo o snr. Battaglia Ramos, que por vezes tem illustrado as paginas da nossa revista e do nosso almanach com a sua tão vernacula collaboração.

A empreza envia gratis os dois primeiros n.^{os} da 3.^a serie aos seus antigos assignantes que os requisitarem.

Estudos Sociaes—Revista mensal catholica.

E' mais um compeão da religião que apparece cheio de vida e coragem juvenil no campo da sciencia. Sam bem poucas as revistas scientificas na imprensa portugueza e algumas que outr'ora se levantaram, viram-se forçadas a retirarem da liça por não terem o subsidio dos catholicos, entre nós pouco afeiçãoados a questões de sciencia e de religião mesmo. Será este o unico obstaculo que terá que vencer a illustrada Redacção dos «Estudos Sociaes», a quem felicitamos cordealmente.

Preço de assignatura : 1 anno, 1\$000 réis ; numero avulso 100 réis. Redacção e Administracção : Rua da Trindade, n.º 5 — Coimbra.

A Fé. — Revista mensal, catholica, scientifica e litteraria.

A nobre villa de Barcellos vem dar mais uma prova de sua religião e actividade catholica com esta revista que abre com um retracto magnifico de Pio x. O summario do presente numero é o seguinte : A que vimos — Pio x. — Progredior semper. — Roma Antiga e o christianismo. — Movimento dos circulos catholicos em Portugal. — Chronica noticiosa. — Boletim ecclesiastico.

Oito paginas de grande formato, por anno 600 réis ; por semestre 300 réis ; numero avulso 100 réis.

Methodo de Musica — Coordenado por João José Escoto, professor de musica no Collegio de S. Fiel. — Preço 800 réis.

Correio Nacional. — Recommendamos aos nossos leitores este diario catholico da capital, colaborado pelas pennas mais illustradas e conhecidas na imprensa catholica, de larga informacção e boa orientacção politica.

NAVARY.

Lucta Suprema. — Versão livre de Carrasco Guerra.

Temos á venda nesta Redacção este romance moralizador de Navary, auctor muito popular em França.

Um tomo de 180 paginas por 150 réis.

O Evangelho, explicado, defendido, meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de Nosso Senhor Jesus Christo, pelo Padre Dehaut.

Recebemos o 11.^o fasciculo desta importante obra, vernaculamente traduzida pelo rev.^{mo} padre Gomes Pereira, illustrado professor do Lyceu Central do Porto.

Este fasciculo entra já com a exposição dos Primeiros trabalhos Apostolicos, começando a occupar-se da Embaixada do Synedrio a João Baptista, do Testemunho de João em pró de Jesus Christo, da convocação dos Primeiros discipulos de Jesus, e do Primeiro milagre de de Jesus nas bôdas de Caná.

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42-1.^o — Porto. — Preço de cada fasciculo 100 réis.

O Occidente.—Revista illustrada de Portugal e Estrangeiro.

Por um magnifico busto de El-Rei D. Carlos, reproducção de uma esculptura de Costa Motta, abre o n.º 941 do *Occidente* sempre distincto em suas illustrações e artigos.

A' revolução na Russia dedica 3 gravuras representando as cargas da tropa sobre os grevistas com o pope Gápone á frente, e os retratos dos Gran-duques Valdimiro e Sergio, este ultimamente assassinado. São tambem de 2 gravuras a inauguração do Centro Nacional de Esgrima, reproduzido a taça offerecida a este Centro pelo snr. Conde dos Oliveaes e da Penha Longa e o retrato deste illustre titular e distincto «Sportsman». Completam as esplendidas illustrações deste numero um retrato de João Bezelga, auctor das «Canções da Arada» e o retrato de José do Patrocinio agora fallecido no Brazil.

Na parte litteraria collabora D. João da Camara com a sua apreciavel «Chronica Occidental», Henrique Marques Junior, Antonio A. de Oliveira Machado, Manuel de Macedo, etc. O custo da assignatura do «Occidente» é 950 réis o trimestre.

A Grandiosa Obra de Santo Antonio

Contem — Vida do glorioso Santo Thaumaturgo, noticia da Pia União, estatutos, cartapente e indulgencias, Juventude Antoniana.

O Pão dos Pobres, Trezena de S. Antonio, responso milagroso, e ladainha do Santo. Novena de preparação para a festa do Santo, Novena para alcançar qualquer graça particular do Santo Milagroso.

Um folheto de 70 paginas, solidamente brochado, com dois cartões-cromos por capas: Santo Antonio, em extasis recebendo nos braços o Menino Jesus, e na parte posterior Santo Antonio dos pobresinhos.

Preço 50 reis — Pelo correio 60 reis.

Pedidos á Redacção da «Voz de Santo Antonio — Braga.

Collecção da Voz de S. Antonio

Cinco grandes tomos de cerca de 800 paginas e variada illustração, encadernados em lindas capas de precalina com dourados — 11\$400 réis.

Collecção não cartonada 8\$400 réis.

Capas em precalina fina com dourados para cada uma das cinco series. Cada capa 350 réis.

Enviem-se gratis os indices e frontispicio de cada serie a quem mandar 25 réis para despesas de correio.

Monte de Myrrha e Outeiro de Incenso

A segunda edição deste livrinho é por excellencia o devocionario dos devotos de Maria Santissima. Contem sete meditações sobre a Eucharistia, dezanove acerca de Maria Santissima, dois modos de preparação e acção de graças para a meditação, rosario meditado, modo de ouvir missa, orações para a confissão e communhão, visita ao Santissimo e a Nossa Senhora, outro modo de fazer a Via-sacra, os principais canticos e hymnos liturgicos em latin, etc.

Em brochura—120 réis.

Cartonados com capa da brochura 160 rs.

Encadernada em meio panno e folhas coloridas 200 réis.

Novas Patentes da Pia União de S. Antonio

Temos á venda novo exemplar de Patentes da Pia União:—uma folha avulsa, dobrada em 8 paginas propria para trazer nos devocionarios e contendo: imagem de S. Antonio: noticia acerca da Pia União, seus estatutos, condições d'admissão, graças e indulgencias — carta patente para assignar.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção.—Toda a correspondencia que se refira á Redacção, troca de jornaes etc.—Deve ser dirigida ao *Rev.º* Padre Director da «Voz de Santo Antonio»—BRAGA.

Administração.—O que se refira á Administração, como pedidos de qualquer obra, esclarecimentos sobre dinheiro enviado ao exc.^{mo} snr. Thesoureiro e tudo que diga respeito ao movimento financeiro da Empreza ao—Administrador da «Voz de S. Antonio»—BRAGA.

ASSIGNATURAS

Reino e ilhas Adjacentes

Por anno..... 1\$200
Cobrança pelo correio..... 1\$250

Estrangeiro

Colonias portuguezas..... 1\$300
Brazil (réis fracos)..... 9\$000
Outros paizes (francos)..... 8